

COLEÇÃO
CULTURA E RECREIO

ALMEIDA GARRETT

ROMANCEIRO

EDIÇÃO REVISTA E PREFACIADA POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

III

FUNDAÇÃO NACIONAL PARA A ALEGRIA NO TRABALHO
GABINETE DE ETNOGRAFIA
1963

ADVERTÊNCIA

Por não fazer demasiado volume, dividiu-se o segundo livro desta coleção em duas partes, cada uma das quais forma um tomo separado.

Neste segundo vão também em apêndice as traduções inglesas de Sir John Adamson de alguns dos romances do primeiro livro.

O tomo quarto está destinado a conter o terceiro livro, que é o das lendas e profecias. Se porém aparecerem no intervalo alguns romances ainda não descobertos que pertençam à classe do segundo livro, acrescentar-se-á uma terceira parte; e com ela começará, nesse caso, o seguinte quarto volume.

Lisboa, Agosto 9, 1851.

ROMANCEIRO

III

ROMANCES CAVALHERESCOS ANTIGOS

PARTE II

XVII

A Romeira

Aqui vai outra romeira, e não sei se de Santiago também; mas creio que não, porque o diria algures o texto do romance: não é orago que deixasse de se nomear.

É lindo, singelo, perfeito exemplar no seu género. Não me consta que ande por mais terras nossas do que pelas do Minho e Trás-os-Montes. Só pelas duas versões destas províncias o tive de apurar; e sem muito custo, porque é simples de si, e pouco o alteraram na tradição. Tem todo o sabor e ingenuidade antiga, conversa perfeitamente os costumes crus da idade a que se refere. Também não ocorre nos romanceiros dos nossos vizinhos, e estou seguro que é esta a primeira vez que se vê escrito e impresso.

As variantes que valem alguma coisa vão notadas à margem, e não são muitas.

A ROMEIRA

Por aqueles montes verdes
Uma romeira descia;
Tão honesta e formosinha
Não vai outra à romaria.
Sua saia leva baixa
Que nas ervas lhe prendia;
Seu chapelinho caído
Que lindos olhos cobria!
Cavaleiro vai trás dela,
De má tenção que a seguia¹!
Não a alcança por mais que ande,
Alcançá-la não podia
Senão junto a essa oliveira²
Que estão no adro da ermida.
À sombra da árvore benta
A romeira se acolhia:
- «Eu te rogo, cavaleiro,
Por Deus e a Virgem Maria,
Que me deixes ir honrada
Para a santa romaria.»
Cavaleiro, de malvado,
Nem Deus nem razão ouvia;
Cego, no desejo bruto,
De amores a acometia.
Pegaram de braço a braço:
Luta de grande porfia!³
A romeira, por mais fraca,
Enfim, rendida, caía...⁴
No cair, lhe viu à cinta
Um punhal que ele trazia;
Com toda a força lho arranca,
No coração lho metia.
O sangue negro saltava,
O negro sangue corria...
- «Por Deus te peço romeira⁵
Por Deus e a Virgem Maria,

¹ Alcançá-la não podia - *Trás-os-Montes*.

² Alcançou-a descansando.

Debaixo da verde oliva - *Trás-os-Montes*.

³ Qual debaixo, qual de cima - *Trás-os-Montes*.

⁴ Logo debaixo caía - *Trás-os-Montes*.

⁵ Eu te peço, romeirinha - *Trás-os-Montes*.

Que o não digas em tua terra,
Nem te vás gabar à minha
Da vingança que tomaste,
Da afronta que te eu fazia.»
- «Hei-de dizê-lo em tu'terra,
Hei-de me ir gabar à minha,
Que matei um vil covarde
Com as armas que ele trazia.»
Tocou a campa da ermida,
A campa que retinia:
- «Ermitão, por Deus vos peço⁶
Bom ermitão desta ermida,
Tenhais dó dessa má alma
Que inda agora partia:
Daí terra benta ao seu corpo,
Que Deus lhe perdoaria.»

⁶ Eu te peço, ermitão,
Por Deus e Santa Maria
Que enterres esse traidor
Lá na tua santa ermida - *Trás-os-Montes*.

XVIII

Conde Nilo

Só se encontrou este belo romancinho do *Conde Nilo* na província de Trás-os-Montes e nas ilhas dos Açores. Nas colecções castelhanas é omissa. Não sei porquê, mas sinto que tem o ar francês ou provençal. Ou talvez normando? Da nossa Espanha é que ele me não parece oriundo. Tudo isto porém é sentir; julgar não, que não tenho por onde.

Nilo não é nome português, nem sei que fosse castelhano, leonês ou de Aragão. De donde será? Ou é corrupção, como tantas, de outro nome? Mas de que nome? Séries e séries de dúvidas e perguntas às quais confesso a minha completa inabilidade de responder.

Seja como for, o romance é bonito, elegante e gracioso, tem todo o cnho antigo verdadeiro, e não parece dos que mais padeceram na sua transmissão até nós.

CONDE NILO

Conde Nilo, conde Nilo
Seu cavalo vai banhar;
Enquanto o cavalo bebe,
Armou um lindo cantar.
Com escuro que fazia
El-rei não o pode avistar.
Mal sabe a pobre da infanta
Se há-de rir, se há-de chorar.
- «Cala, minha filha, escuta,
Ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no céu⁷,
Ou a sereia no mar.»
- «Não são os anjos no céu
Nem a sereia no mar:
É o conde Nilo, meu pai,
Que comigo quer casar.»
- «Quem fala no conde Nilo,
Quem se atreve a nomear
Esse vassalo rebelde
Que eu mandei desterrar?»
- «Senhor, a culpa é só minha⁸,
A mim deveis castigar:
Não posso viver sem ele...
Fui eu que o mandei chamar.»
- «Cala-te, filha traidora,
Não te queiras desonrar.
Antes que o dia amanheça⁹
Vê-lo-ás ir a degolar.»
- «Algoz que o matar a ele,
A mim me tem de matar;
Adonde a cova lhe abrirem,
A mim me têm de enterrar.»

Por quem dobra aquela campá,
Por quem está a dobrar?
- «Morto é o conde Nilo,

⁷ Mais outro exemplo do que era freqüente nos antigos cantares repetirem, de uns para outros, certos dizeres que caíam em graça. Veja no *Reginaldo*, págs. 207-208, tom. II do *Romanceiro*.

⁸ Senhor pai, eu tenho a culpa - *Açores*.

⁹ Antes que não rompa o dia - *Açores*.

A infanta já a expirar¹⁰
Abertas estão as covas,
Agora os vão enterrar:
Ele, no adro da igreja¹¹,
A infanta, ao pé do altar.»
De um nascera um cipreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Co'as pontas se iam beijar.
El-rel, apenas tal soube,
Logo os mandara contar.
Um deitava sangue vivo¹²,
O outro sangue real;
De um nascera uma pomba,
De outro um pombo torcaz.
Senta-se el-rei a comer¹³,
Na mesa lhe iam poisar:
- «Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar!
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar.»

¹⁰ A infanta vai a expirar - *Açores*.

¹¹ Veja o que a este respeito e sobre a repetição desta linda imagem, deixo escrito na *Rosalinda*, págs. 192-193, tom. I do *Romanceiro*.

¹² Um, nobre sangue deitava - *Trás-os-Montes*.

¹³ Sentava-se el-rei à mesa,
No ombro lhe iam poisar - *Açores*.

XIX

Albaninha

Esta pequena xácara, curta, simples e que mais parece aludir a uma anedota sabida, do que recontá-la, não a encontrei senão na província de Trás-os-Montes. Três diferentes, mas pouco diferentes, versões de ali me vieram; e, aproveitando de todas, se restituiu o texto como aqui vai. Tem não sei que ressaibo à sarcástica «sirvente» do trovador. É mordaz, epigramática; e até se permite fazer o seu *calimburgo*, quando a donzela requestada responde ao sedutor:

«Pouco tempo são três horas,
Mas vem depois o contar.»

Onde a graça do equívoco está em que o verbo «contar» tanto significa fazer «contas» como «referir o que se passou».

Não há variantes que mereçam a pena de se conservar, nem lição castelhana que se ache nos romancesiros.

ALBANINHA

- «Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
Oh! quem te vira Albaninha
Três horas a meu mandar!»
- «Pouco tempo são três horas,
Mas vem depois o contar.»
- «Usança de maus vilões
Nunca a eu soubera usar.
Com esta espada me cortem,
Com outra de mais cortar,
Donzela que em mim se fie
Se eu disso me for gabar.»
Inda bem manhã não era
Já na praça a passear;
Aos três irmãos de Albaninha
Se foi de braço travar:
- «Esta noite, cavaleiros,
Sabereis que fui caçar;
Em minha vida não tive
Noite de tanto folgar.
Era uma lebre tão fina
Que nunca vi tal saltar:
Com três horas de corrida
Não a cheguei a cansar!»
Disseram uns para os outros:
- «Bom modo de se gabar!
Será de nossas mulheres?
Das irmãs nos quer falar?»
Responde agora o mais moço
Discreto no seu pensar:
- «Não vedes que é de Albaninha,
Que o traidor quer difamar?»

Foram os três para um canto,
Puseram-se a aconselhar;
Diziam os dois mais velhos:
- «Vamo-lo nós a matar?»
E o mais moço respondia:
- Vamo-la nós a casar?»
- «Sim! e o dote que ela tem,
Nós o temos de pagar.»

Vão ao quarto de Albaninha,
De boda a foram achar;
Duas aias a vestiam,
Duas a estão a tocar.
- «Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
As barbas de teu pai conde
Que bem lhas soubeste honrar!»
- «As barbas de meu pai conde
Tratai vós de as honrar,
Pagando-me já meu dote,
Que agora me vou casar.»

XX

A Peregrina

Não é dos que mais se cantam, nem tem a popularidade de outros muitos, o romance da *Peregrina* que alguns também chamam da *Princesa*. - A lição que principalmente segui veio-me do Porto, e é a mais completa. Das outras províncias só obtive fragmentos muito interpolados. Contudo aproveitei bastante para restituir o texto e dar nexos e clareza à narrativa. O que se não utilizou para este fim, vai nas variantes.

O final, sublime e poética idéia que tanta predilecção mereceu aos antigos menestrais, é o mesmo de outros romances. Já notei¹⁴ que franceses e ingleses o usaram em suas composições. Entre nós aparece repetido muitas vezes. Fez-se um «lugar comum» romântico assim como tantas coisas belas dos poetas gregos e latinos se fizeram, por sua popularidade, lugares comuns clássicos. Que Homero ou que Virgílio da meia-idade foi o original inventor deste? Não é possível sabê-lo. E sabemos nós se iguais belezas da *Ilíada* ou da *Eneida* são ou não repetições, reminiscências de outros poetas mais antigos cujas obras ou cujos nomes não chegaram até nós?

A *Peregrina* tem todos os caracteres de antiga e original. É bela e simples e verdadeira. Nos romances castelhanos não vem; nem se encontra nada parecido com a singela história que ingenuamente narra. Mas destas histórias houve tantas naqueles ditos tempos da andante cavalaria! Mal haja o daninho talento de Cervantes que as fez acabar num *Dom Quixote* e na sua *Dulcineia*!

¹⁴ *Romanceiro*, I, pág. 181, ed. de 1843.

A PEREGRINA

Peregrina, a peregrina¹⁵
Andava a peregrinar
Em cata de um cavaleiro
Que lhe fugiu, mal pesar!
A um castelo torreado
Pela tarde foi parar:
Sinais certos, que trazia
Do castelo, foi achar.
- «Mora aqui o cavaleiro¹⁶?
Aqui deve de morar.»
Respondera-lhe uma dona
Discreta no seu falar:
- «O cavaleiro está fora,
Mas não deve de tardar.
Se tem pressa a peregrina,
Já lho mandarei chamar.»
Palavras não eram ditas,
O cavaleiro a chegar:
- «Que fazeis porqui, senhora¹⁷,
Quem vos trouxe a este lugar?»
- «O amor de um cavaleiro
Por aqui me faz andar.
Prometeu de voltar cedo,
Nunca mais o vi tornar.
Deixei meu pai, minha casa¹⁸,
Corri por terra e por mar
Em busca do cavaleiro,
Sem nunca o poder achar.»
- «Negro fadairo, senhora,
Que tarde vos fez chegar!
Eu de vosso pai fugia
Que me queria matar;
Corri terras, passei mares,
A este castelo vim dar.

¹⁵ Anda atrás do cavaleiro

A princesa a bom andar. - *Minho*.

Esta lição do Minho dá por título ao romance *A Princesa*.

¹⁶ Está em casa o cavaleiro

Que aqui deve de morar? - *Trás-os-Montes*.

¹⁷ Que fazeis porqui, princesa,

Que andais a procurar? - *Minho*.

¹⁸ Deixei meu pai, minha gente - *Trás-os-Montes*.

Antes que fosse ano e dia
(Vós me fizestes jurar)
Com outra dama ou donzela
Não me havia desposar.
Ano e dia eram passados
Sem de vós ouvir falar,
Co'a dona desse castelo
Eu ontem me fui casar...»
Palavras não eram ditas,
A peregrina a expirar.
- «Ai penas de minha vida,
Ai vida de meu penar!
Que farei desta lindeza
Que em meus braços vem finar?»

Do alto de sua torre
A dama estava a raivar:
- «Leva-la daí, cavaleiro¹⁹,
E que a deem ao mar.»
- «Tal não farei eu, senhora,
Que ela é de sangue real...
E amou com tanto extremo
A quem lhe foi desleal.
Oh! quem não se sabe ser firme,
Melhor fora não amar.»
Palavras não eram ditas
O cavaleiro a expirar.
Manda a dona do castelo²⁰
Que os vão logo enterrar
Em duas covas bem fundas
Ali junto à beira-mar.
Na campa do cavaleiro
Nasce um triste pinheiral²¹;
E na campa da princesa
Um saudoso canavial.
Manda a dona do castelo
Todas as canas cortar;
Mas as canas das raízes
Tornavam a rebentar:

¹⁹ Leva-a daí, cavaleiro,
E vai lançá-la no mar. - *Minho*.

²⁰ De raivosa, a castelhana
Os mandou logo cortar. - *Minho*.

²¹ Nasceu um triste pinhal. - *Estremadura*.

Noto esta variante para marcar o uso indistinto das palavras «pinhal e pinheiral» que a língua consente.

E à noite a castelhana²²
As ouvia suspirar.

²² E, por noite, a castelhana - *Trás-os-Montes*.

E alta noite, a castelhana - *Minho*.

E, de noite, a castelhana - *Trás-os-Montes*.

A lição que segui no texto é a que veio do porto, que Minho é; mas não a acho melhor do que qualquer das outras. Segui-a porque, no todo do romance, é a mais completa.

XXI

Dom João

O assunto deste romance é um casamento à hora da morte, uma daquelas tardias mas solenes reparações que a religião, a honra, o amor tantas vezes têm arrancado à consciência do moribundo.

Os preconceitos de nascimento lutam, poderosos ainda nesse momento extremo, com os deveres da religião, com os sentimentos da alma, com os mesmos ditames da verdadeira honra. Ouro é a primeira coisa que o fidalgo expirante se lembra de deixar à infeliz donzela, - *infelix virgo!* - em compensação da sua honra perdida. «Mil cruzados» lhe deixa: falta aí vilão que a queira, burguês que a requeira e cubra de seu nome vulgar a doirada fragilidade de uma menina também dotada por seu senhor e sedutor?

«Mil cruzados não é nada»: lhe objectam. - «Pois darei mais duzentos»: regateia a soberba agonizante. - «A honra não se paga aos cruzados.» - Pois, terras, vilas, senhorios e castelos a quem casar com ela. Há tanto escudeiro e cavaleiro pobre! Casar com a manceba de seu senhor, e senhor tão generoso, quem há-de recusá-lo? E para o que duvidasse... argumento do rei velho e de republicano novo: Tenha a cabeça cortada!»

Forte é o orgulho que assim luta, quando já na beira do sepulcro. Tenaz o preconceito que ainda agora fez mentir vilmente o cavaleiro pundonoroso quando, numa derradeira esperança de vida, falsamente prometia à enganada donzela «as bênçãos de um arcebispo e a estola da santa igreja». Vivesse ele, e tais promessas se cumpririam tanto como as primeiras que a seduziram. Porém mais forte é a piedade, a honra verdadeira de quem, até o último, combate esse vão orgulho, esse falso pundonor. Era sua mãe; não a mãe da desgraçada, que o não ousaria se viva era - que por ventura foi morrer de vergonha a um canto. - Não, mas sua própria mãe dele, do moribundo. Verdadeira mulher de alma e de coração, tudo o mais lhe esquece e despreza, e não vê na infeliz, que ali está debulhada em lágrimas junto ao leito da agonia, senão uma mulher, uma mulher que é vítima de seu amor, que tudo quanto era deu a quem tudo lhe quer pagar com tão pouco.

A mulher triunfou. As últimas palavras do vencido são belas:

- «Pois que fique esta mão já fria
Na sua mão adorada.
De Dom João é viúva,
Condessa será chamada.»

Estes grandes quadros desenhados em poucos traços, vivos só de verdade e natureza, são - não me canso de o fazer notar - os que dão à poesia do romance este vigor que se não acha noutras, este carácter que a distingue em todas as nações, em todas as línguas.

Mais adiantada civilização trará poetas que *iluminem*, que repintem a cores estes simples desenhos a lápis do menestrel. Mas criar não hão-de eles nunca, se não fecharem os livros escritos, para abrirem o do coração, para estudar por ele o homem, a natureza que o cria, e o Deus que o fez.

O presente romance veio-me do Minho; as variantes notáveis não me apareceram; nas colecções castelhanas não está; e não o creio - isto é, não o pressinto mais antigo do que o século XV ou princípios do XVI.

DOM JOÃO

Lá das bandas de Castela
Triste nova era chegada:
Dom João que vem doente,
Mal pezar de sua amada!
São chamados três doutores
Dos que têm mais nomeada:
Que, se algum lhe desse vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Por fim que chega o mais velho,
Diz com voz desenganada:
- «Tente três horas de vida,
E uma está meia passada;
Essa é para o testamento:
Deixar a alma encomendada!
A outra é para os sacramentos,
Que inda é mais bem empregada.
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada.»
Estando nestas conversas,
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ela
Com a vista já turvada:
- «Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada,
Que tanto queria ver-te
Nesta hora minguada!»
- «Tenho fé na Virgem santa,
Nela venho confiada,
Que me há-de ouvir e salvar-te,
Que o teu mal não será nada.»

- «Oh! que se eu chegar a erguer-me,
Minha rosa namorada,
No vaso deste meu peito
P'ra sempre serás plantada,
C'as bênçãos de um arcebispo
E de água benta regada
Co'a estola da santa igreja
Ao meu coração atada.»

Estando nestas conversas,
Sua mãe que era chegada:
- «Que tens tu, filho querido
Desta alma amargurada?»
- «Tenho, mãe, que estou morrendo,
Que esta vida está acabada;
Com só três horas por minhas,
E uma já meio passada.»
- «Filho de minhas entranhas,
Nesta hora minguada
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.»
- «Minha mãe, que devo, devo...
E Deus me não peça nada!
Dona Isabel que em má hora
Por mim fica difamada.
Mas deixo-lhe mil cruzados
Para que seja casada.»
- «A honra não se paga, filho;
Mil cruzados não é nada.»
- «Já lhe deixo mais duzentos
E a cruz de minha espada.»
- «A honra não se paga, filho;
Os cruzados não são nada.»
- «Deixo-a a estes três doutores
Muito bem encomendada;
E a vós, minha mãe, vos peço
Que a tenhais bem guardada.
O que com ela casar
Tem uma vila ganhada;
O que lhe disser que não
Tenha a cabeça cortada.»
- «A honra não se paga, filho,
Nem com terras é comprada:
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes desonrada!»
- «Pois fique esta mão já fria
Na sua mão adorada:
De D. João é viúva,
Condessa será chamada.»

XXII

Helena

Se a Dona Isabel da xácara antecedente achou na mãe do seu amante todas as divinas compaixões de um coração feminino, Helena, a boa Helena deste romance, não encontrou na mãe de seu marido senão a proverbial «sogra» de todos os rifões e ditados de todos os povos. Enredadora, invejosa, má-língua, sogra enfim, sogra extreme, e puro sangue - como, em estilo cigano do Jóquei Clube, manda a moda anglo-gala que hoje se diga - a sogra excita com ditérios e mentiras e bruteza estúpida de seu filho: faz com que ele vá arrancar da cama, e trazer de noite para sua detestável casa, a infeliz mulher que, sentindo-se com dores de parto, tinha ido para a de sua mãe buscar o aninho e conforto que junto da odiosa sogra não podia achar. Cego de cólera e despeito, o bruto a nada atende. É a morte que lhe dá; bem o sabe, mas pouco lhe importa. A resignação Angélica da vítima, as suas despedidas ao filhinho recém-nascido, as deixas de seu testamento quando se sente nas desabridas alturas «daquela serra» por onde a levam naquele cavalo andaluz que «anda mais que o luar» - tudo são belezas de primeira ordem, poesia de coração e verdade.

Obtive este romance em Maio de 1843 de uma saloia velha das vizinhanças de Lisboa. Outra lição veio depois, da Beira Alta, que não difere muito. Sempre noto porém alguma variante, posto que elas valham pouco. Parece-me português de nascença; não há dele vestígio em colecção castelhana de que eu saiba.

HELENA

- «Ai! que saudades me apertam
Pela casa de meu pai!
Também me apertam as dores,
E minha mãe sem chegar!»
- «Se as saudades te apertam,
Bem nas podes ir matar;
As dores não serão muitas,
Toma o caminho - e andar!»
- «E à noite meu marido,
Quem lhe dará de cear?»
- «Da caça que ele trouver,
Eu lha farei amanhar²³.
Do meu pão e do meu vinho
O que ele quiser tomar.»

- «Onde está mi' esposa Helena
Que me não dá cear?»
- «Tua esposa Helena, filho,
Foi-se para não tornar.
Que ia para sua casa,
Que nos não pode aturar.
Chamou-me a mim perra velha,
A ti filho de mãe tal.»
- «O meu cavalo andaluz²⁴
Já e já mo vão selar.
Essa mulher, por Deus juro
Que ela mas tem de pagar.»

- «As boas novas, meu genro²⁵,
Que tenho para vos dar!
Filho barão, e tão lindo,
Um anjo de pôr no altar!»
- «Novas me dão, boas novas;
Más as trago eu para dar:
Que a mãe que o pariu
Não é que o há-de criar.

²³ Aprestar. - *Beira Alta*

²⁴ Que me selem meu cavalo,
Depressa, não devagar. - *Estremadura*.

²⁵ Alvissaras, meu irmão,
Que já mas devias de dar. - *Beira Alta*.

Ergue-te daí Helena,
Que me tens de acompanhar.»
- «Paridinha de uma hora,
Onde a quereis levar?»
- «Para perto, e bom caminho;
Não tem muito que penar,
Que o meu cavalo andaluz
Anda mais do que o luar.»
- «Ande ele, que não ande,
Onde a quereis levar?»
- «Cal'-se daí minha mãe,
Já se havia de calar;
Que a mulher que é bem casada,
O marido há-de mandar.
Que me dêem a minha cinta,
Para eu me conchegar,
E esse meu gibão forrado
Para melhor me abafar.
E agora dêem-me o meu filho,
Que o quero abraçar.
Ai! destes beijos, meu filho,
Se te saberás lembrar?
Lembra-lho vós, minha mãe,
Quando ele souber falar.»
- «Que dizes, filha, que dizes?»
- «Minha mãe, isto é folgar;
Que é tão perto e bom caminho
Para onde temos de andar;
E o cavalo andaluz,
Anda mais do que o luar.»

O cavalo era andaluz
Andava mais que o luar;
O caminho era de pedras,
Ele ia a tropeçar.
Vão andando, vão andando
Sem um nem outro falar,
Ela já tem as mãos frias,
O corpo está-lhe a inchar;
Chegando ao alto da serra²⁶
Deu um ai, quis desmaiar.
- «Que ais são esses, Helena?
Porque estás a suspirar?»
- «É que se me acaba a vida,
- É que me estou a finir:

²⁶ Lá no mais alto da serra - *Estremadura*.

Paridinha de uma hora,
Sinto-me em sangue alagar.»

Já se não tem a cavalo,
Ali a foi apear:
Era a agonia da morte
Que já lhe estava a apertar.
- «A quem deixas o teu oiro²⁷
Que t'ó hajam de estimar?»
- «Deixo-o a minhas irmãs,
Se tu lh'ó quiseres dar.»
- «A quem deixas essa cruz
E as pedras do teu colar?»
- «A cruz, deixo-a a minha mãe
Que por mim lhe há-de rezar.
As pedras não as quer ela,
E bem nas podes guardar:
Se a outra as deres, marido,
Melhor lh'as deixes lograr.»
- «Tua fazenda a quem deixas,
Que ta saibam granjear?»
- Deixo-ta a ti, marido;
Que ta deixe Deus gozar!»
- «A quem deixas o teu filho
Que to hajam de criar?»
- «A tua mãe - que Deus queira
Amor lhe venha a ganhar!»
- «Não o deixes a essa perra,
Que é capaz de to matar.
Ai! deixa-o antes à tua,
Que bem no há-de criar.
Com lágrimas de seus olhos
Bem no ela há-de lavar;
Toucas de sua cabeça²⁸
Tirá para o pensar.»

De ouvir aquelas palavras
A pobre quis-se animar;
Mas a voz que vem do peito
A boca não pode achar²⁹.
Inda lhe disse c'os olhos

²⁷ *Oiro* em estilo camponês quer dizer - jóias, ornatos de oiro de pessoa. O *meu oiro* é o oiro que me adorno - como em estilo de cidade a *minha prata* é a prata de meu serviço de casa.

²⁸ E as toucas da cabeça

Despirá para o pençar. - *Estremadura*.

²⁹ Não pode à boca chegar. - *Beira Alta*.

Que lhe estava a perdoar.
- «Não me perdoes, Helena,
Que Deus não te há-de escutar.
Ai! as penas do inferno,
Já as eu começo a penar,
Que vejo subir ao céu
O meu anjo tutelar.
Mal hajam línguas traidoras³⁰
E ouvidos que lhe eu fui dar!
Que por amor das más línguas
Meu anjo vim a matar!
Sete anos e mais um dia
Me irei a peregrinar,
À porta santa de Roma
Me quero ir ajoelhar;
E aqui um santo convento
Fundarei neste lugar,
Com sete missas por dia
Cada uma em seu altar;
Que digam todos que o virem:
*«Aqui foi seu mal pecar,
E aqui fez penitência
Para Deus lhe perdoar.»*

³⁰ Mal hajam as línguas tais
E ouvidos que lhe eu fui dar,
Que por amor das más línguas
Meu amor vim a matar. - *Estremadura.*

XXIII

A Morena

Este romance é vulgar na Estremadura e Beira, e nas duas províncias de além do Tejo. Seguiu-se principalmente o exemplar vindo de Castelo Branco, que era o mais amplo; mas aproveitou-se de outras lições provinciais o que foi necessário para lhe dar complemento. Transmitidas de boca em boca, - não me canso de o repisar - por tantas gerações, estas coplas foram-se alterando com mutilações e interpolações graduais, mas não constantes nem uniformes. O rústico menestrel de uma aldeia tinha às vezes pretensão de corrigir e enfeitar a singeleza dos primitivos cantares; outras, a avó velha que os recitava à lareira aos pasmados netinhos, cortava o que lhe parecia de mais ou o que lhe esquecia, não poucas vezes, algum Macias namorado recorreu, na esterilidade de sua musa, ao bem parado deste depósito comum, e, com mudanças de nomes e sítios, transformou a história de uma antiga aventura em monumento moderno de suas glórias ou desgraças - como das mutiladas relíquias de um templo de Isis se fazia nas eras bizantinas uma basílica de cristãos; como de versos de Virgílio se compunham os celebrados *centões*; de pensamentos de Homero, de frases de todos os poetas antigos, cosidos uns nos outros, se urdiam os poemas latinos de há dois e três séculos; como ainda até há bem pouco tempo se escreviam também quase todos os mesmos poemas vulgares. Dêem desconto à simplicidade da obra e à inexperiência do artista, e não-de achar a comparação exacta.

Fazia-se isto porém desvairadamente em épocas e lugares diferentes; e daqui a necessidade de coleccionar as tradições de uma província, de um distrito, de uma aldeia às vezes, com as de outra.

No romance da *Morena* não parecem descobrir-se vestígios de muito remota antiguidade: assim a adivinhar, deitá-lo-ia pelo século XVI. A ele sabe o mandar os escravos à *fonte buscar água*, o *mantéu de cochonilha*, e outras expressões que tais. Tem contudo, um certo sabor de originalidade no estilo, um tom familiar sem baixeza, um natural tão despido de todo o ornato, que lhe imprimem o cunho verdadeiro e inquestionável da poesia primitiva de um povo. Quando quer que nascesse esta flor singela, foi na serra inculta, foi entre o mato virgem das florestas, longe das formalidades da arte, das fatais tesouras e indigestos adubos do jardineiro.

O assunto é uma vulgar aventura da aldeia - dessas que fez tão comuns a devassidão dos mosteiros rurais: isso mesmo a deixou porventura conservar na memória dos homens como história do que tinha sido, do que era e seria. Na última copla há uma pincelada de mestre, dos mestres que faz a natureza, sublime de verdade e profunda de moral: ao encarar com a vítima de sua leviandade, estendida numa tumba, o sedutor *riu-se*, e o marido - diz o sincero trovador - *o marido é que chorava!*

Não se tomaram aqui liberdades de editor que restaura: é o quadro velho limpo, mas não repintado. Algumas camadas de cor postíça, que tinha por cima, caíram ao lavar, e ficou mais claro o desenho original. Não foi preciso, como noutros casos muitas vezes é, coser a tela rasgada ou avivar o desenho sumido: o fundo estava são e inteiro.

Nas colecções castelhanas não há vestígio deste romance; tenho-o por inteiramente português e absolutamente popular.

A MORENA

Fui-me à porta da Morena³¹,
Da Morena mal casada:
- «Abre-me a porta, Morena
Abre-ma por tua alma!»
- «Como te hei-de abrir a porta
Meu frei João da minha alma,
Se tenho a menina ao peito
E meu marido à ilharga?»
Estando nestas razões,
O marido que acordava:
- «Que é isso, mulher minha³²,
A quem dás as tuas falas?»
- «Digo à moça do forno,
Que veio ver se amassava,
Se amasasse pão de leite,
Que lhe deitasse pouca água.»
- «Ergue-te, ó mulher minha
Vai cuidar da tua casa;
Manda teus moços à lenha,
Teus escravos buscar água.»
- «Ergue-te daí, marido,
Vai ao monte pela caça;
Não há coelho mais certo
Do que é o da madrugada.»

O marido que sáia,
Morena que se enfeitava;
Seu mantéu de cochonilha³³
De doze tostões a vara,
Meia de seda encarnada

³¹ Em algumas lições provinciais, designadamente nas da Estremadura, começa assim:

Ergueu-se frei Joanico
Um dia de madrugada,
Vestido de ponto em branco
E tangendo sua guitarra,
Foi-se à porta de Morena,
A Morena, etc. - *Estremadura*.

³² Que é isso, Morenita - *Alentejo*.

³³ Com seu mantilho de lustro

Que o vento lho levava,
Seu sapatinho picado
Que no pé lhe rebentava - *Estremadura*.

Que na perna lhe estalava,
Sua bengala na mão
Que mal no chão lhe tocava.
Foi-se direita ao convento,
À portaria chegava.
O porteiro é frei João³⁴
Que pela mão a tomava;
Levou-a à sua cela,
Muito bem a confessava...
Penitência que lhe deu,
Logo ali mesmo a rezava.

À saída do convento
O marido que a encontrava:
- «Donde vens, ó mulher minha,
Donde vens tão arraiada?»
- «Venho de ouvir missa nova,
Missa nova bem cantada:
Disse-a o padre frei João,
Que assim venho consolada.»
- «Consolar-te hei-de eu agora
Com a ponta desta espada...³⁵»
Deu-lhe um golpe pelos peitos,
Deixou-a morta deitada.
- «Não se me dá de morrer,
Que o morrer não custa nada;
Dá-se-me da minha filha,
Que a não deixo desmamada!»
- «Foras tu melhor mãe que és,
Não foras tão mal casada,
Não havias de morrer
Desta morte desastrada.»

Levavam-na ao convento,
Numa tumba amortalhada:
Sorria-se o frei João,
E o marido... é quem chorava.

³⁴ Frei João que a viu chegar,
Em vez de correr, saltava. - *Beira Alta*.

³⁵ Como olho desta enxada. - *Beira Alta*.

XXIV

Donzela Que Vai à Guerra

Apesar de que se não encontra nas colecções impressas, sabemos, pelos nossos escritores portugueses, que este romance é de inquestionável origem castelhana. Por fins do século XVI ainda se cantava na *sociedade*, por gentis damas e galantes cavalheiros; e, já se vê, em castelhano se cantava. Desse tempo escrevia Jorge Ferreira na *Aulegrafia*³⁶:

«Não ha entre nós quem perdoe a hua troua portugueza, que muytas vezes he de vantagem das castelhanas que se tem aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido.»

Bem às-vessas do que sucedia dois séculos antes, em tempos do marquês de Santillana, que os castelhanos trovavam em português para serem aceitos seus dizeres e cantares na própria corte dos reis de Castela³⁷.

Devia dar-se, ao menos entre nós, a este romance o seu título primitivo *O rapaz do Conde Daros*, porque assim lhe chama Jorge Ferreira em outras das muitas curiosas cenas da já citada *Aulegrafia*, tão ricas todas de preciosa e rara informação para o estudo dos costumes e usos daquele tempo. É na primeira do acto III, *chistosa* e desenfadada conversação entre dois galantes do paço, Dinardo Pereira e Grasiel de Abreu, que se divertem fazendo de *l'esprit* à moda do tempo com agudezas e requintes, enquanto não vem o jantar «que está para dois toques». Trata-se entre aqueles fisionáveis da era de quinhentos, de fazer alguma coisa elegante: sonetos, por exemplo, trovas, ou quejandas galanices de então - como hoje seria jogar um *ruber* (*róber?*), experimentar uma valsa nova no piano, etc. Não é o menos gracioso deste quadro, o aparte dos dois criados Rocha e Cardoso, que à socapa estão glosando e metendo a ridículo os alambicados conceitos dos amos. Dinardo, que é o mais prendado, resolve-se enfim pelo romance e a guitarra.

DINARDO

Ora poys assi te tocarey: *O rapaz do Conde Daros*.

ROCHA

De prazer vem vosso amo, algum passarinho novo vio lá.

CARDOZO

Veria muito má ventura, que sempre anda após estes...

³⁶ *Aulegrafia*, act. II, sc. 9, fol. 66, vers. Da ed. de 1619.

³⁷ Carta do marquês de Santillana ao condestável de Portugal: pág. LVII, tom. I, da colecção de Sanchez, Madrid, 1779.

DINARDO, canta
Pregonadas son lãs guerras
De Francia contra Aragone...

ROCHA

O que elle tem para seu remédio é gentil voz!...

DINARDO, continuando a cantar,

Como las haria triste
Viejo cano y pecador?...
(Quebra-se-lhe uma corda) Ah pezar de Mafoma!

CARDOZO

Quebrou-lhe a prima, inda bem!

DINARDO

Vedes este desar tem a música, quando estais no melhor, deixa-nos em branco uma prima falsa...³⁸

Dei mais largas à curiosa citação por ser, como é, tão indubitável e interessante documento para a história do romance em Portugal, e porque também são já raríssimos os exemplares dessa obra de Jorge Ferreira.

Assim andava pois este romance, estrangeiro, e por tal prezado na alta sociedade portuguesa: até que, descendo dos salões para o terreiro, a popularidade o naturalizou. Era castelhano no paço, foi-se fazer português na aldeia.

Vai em três séculos que Jorge Ferreira nos deu as últimas novas dele quando andava por casas de senhores; achamo-lo hoje à lareira de algum pobre abegão do Alentejo, - que para ricos lavradores, com filhas que já contradançam talvez, senão é que valsam e polcam também - é o triste de muito má companhia já. Também das províncias do Norte vieram notícias e cópias dele; dos Açores é a mais completa ou a mais extensa que me chegou. Desvairados nomes traz das diversas províncias: aqui é «Dona Leonor» além «Dom João» noutra parte «Dom Carlos», etc.

Quando, há dez anos, o erudito autor de *Isabel ou a Heroína de Aragão*³⁹, o publicou sob o mesmo título e como ilustração e fundamento do seu poema, era este o quarto romance tradicional que aparecia impresso em português; contando o primeiro no suspeito *Figueiredo* de Fr. Bernardo de Brito, o segundo e terceiro na *Silvana* e no *Bernal-Francês* que eu publicara em 1828 em Londres.

³⁸ *Aulegr.* act. III, sc. I, fol. 84.

³⁹ *Isabel ou a Heroína de Aragão*, por J. M da Costa e Silva, Lisboa, 1832.

Deixo-lhe por título, o que trouxe das ilhas, da *Donzela que vai à Guerra*, porque lhe acho certa graça e simplicidade toda popular, bem própria sempre de tais rapsódias.

São muitas as variantes, por ser este romance dos mais espalhados pelo reino, e mais favoritos do povo.

DONZELA QUE VAI À GUERRA

- «Já se apregoam as guerras⁴⁰
Entre a França e Aragão:
Ai de mim que já sou velho,
Não nas posso brigar, não⁴¹ !
De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser barão!...»
Responde a filha mais velha⁴²
Com toda a resolução:
- «Venham armas e cavalo
Que eu serei filho barão.»
- «Tendes los olhos mui vivos⁴³
Filha, conhecer-vos-ão.»
- «Quando passar pela armada⁴⁴
Porei os olhos no chão.»
- «Tendes los ombros mui altos
Filha, conhecer-vos-ão.»
- «Venham armas bem pesadas,
Os ombros abaterão⁴⁵.»
- «Tende-los peitos mui altos
Filha, conhecer-vos-ão.»
- «Venha gibão apertado⁴⁶,
Os peitos encolherão.»
- «Tende'-las mãos pequeninas⁴⁷

⁴⁰ Pregoadas são as guerras

Entre França e Aragão.

Como as faria triste

Velho cano e pecador? - *Lição antiga em Jorge Ferreira.*

⁴¹ As guerras me acabarão. - *Lisboa.*

Triste de mim que sou velho,

As guerras me acabarão, - *Alentejo e Estremadura.*

⁴² Responde Dona Guimar. - *Lisboa.*

⁴³ - «Tendes las tranças compridas,

Filha, conhecer-vos-ão.»

As tranças irão ao chão. - *Minho.*

- «tendes los olhos garridos. - *Açores.*

⁴⁴ Pela hoste. - *Beira Alta.*

Pelos homens. - *Minho.*

⁴⁵ Abaixarão. - *Lisboa.*

Encolherei os meus peitos

Dentro do meu coração. - *Minho.*

⁴⁶ Venha já um alfaiate

Faça-me um justo gibão - *Estremadura, Alentejo, Algarve.*

⁴⁷ Delicados - *Alentejo e Beira Alta.*

Muito finos - *Beira Baixa.*

Filha conhecer-vos-ão.»
 «Venham já guantes de ferro⁴⁸,
 E compridas ficarão.»
 - «Tende'-los pés delicados,
 Filha, conhecer-vos-ão.»
 - «Calçarei botas e esporas,
 Nunca delas sairão.»
 - «Senhor pai, senhora mãe,
 Grande dor de coração;
 Que os olhos do conde Daros⁴⁹
 São de mulher, de homem não.»
 - «Convidai-o vós, meu filho,
 Para ir convosco ao pomar⁵⁰.
 Que se ele mulher for,
 À maçã se há-de pegar⁵¹.
 A donzela por discreta,
 O camoês foi apanhar⁵².
 - «Oh que belos camoeses
 Para um homem cheirar!
 Lindas maçãs para damas
 Quem lhas poderá levar!)
 - «Senhor pai, senhora mãe,
 Grande dor de coração;
 Que os olhos do conde Daros⁵³
 São de mulher, de homem não.»
 - «Convidai-o vós, meu filho,
 Para convosco jantar;
 Que, se ele mulher for⁵⁴

⁴⁸ Metê-las-ei numas luvas - *Estremadura*.

Calçá-las-ei numas luvas,

Delas nunca sairão - *Alentejo e Minho*.

Venham manopolas de ferro. - *Trás-os-Montes*.

Os pés bem grandes serão. - *Minho e Beira Alta*.

⁴⁹ Dom João. - *Açores*.

D. Martinho. - *Lisboa, Alentejo*.

D. Marcos. - *Estremadura*.

Dom Claros. - *Minho*.

⁵⁰ Jardim - *Minho, Açores e Lisboa*.

⁵¹ Co'as rosas se há-de tentar. - *Lisboa*.

Com as flores se há-de armar. - *Minho*.

As rosas o hão-de buscar. - *Açores*.

⁵² À lima se foi pegar:

- «Oh que bela lima esta.» - *Lisboa*.

Uma cidra foi mirar. - *Algarve e Minho*.

⁵³ As mesmas variantes respectivas.

⁵⁴ Porque no partir do pão,

Se virá a delatar:

Que se ele o partir no peito,

Por mulher se há-de mostrar. - *Açores*.

No estrado se há-de encruzar⁵⁵.
A donzela, por discreta,
Nos altos se foi sentar⁵⁶.
- «Senhor pai, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros⁵⁷
São de mulher, de homem não.»
- «Convidai-o vós, meu filho,
Para convosco feirar;
Que, se ele mulher for,
Às fitas se há-de pagar.»
A donzela, por discreta,
Uma adaga foi comprar⁵⁸.
- «Oh que bela adaga esta
Para com homens brigar!
Lindas fitas para damas:
Quem lhas poderá levar!»
- «Senhor pai, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não.»
- «Convidai-o vós, meu filho,
Para convosco nadar;
Que, se ele mulher for,
O convite há-de escusar⁵⁹.»
A donzela, por discreta,
Começou-se a desnudar...
Traz-lhe o seu pajé uma carta,
Pôs-se a ler, pôs-se a chorar:
- «Novas me chegaram agora,
Novas de grande pesar:
De que minha mãe é morta,
Meu pai se está a finar.
Os sinos da minha terra
Os estou a ouvir dobrar;
E duas irmãs que eu tenho,
Daqui as oiço chorar.»

⁵⁵ Baixo assento há-de ir buscar. - *Minho*.

⁵⁶ O mais alto foi buscar. - *Lisboa*.

No mais alto quis estar. - *Minho*.

⁵⁷ As mesmas variantes.

⁵⁸ Numa adaga foi pegar. - *Lisboa*.

Foi uma espada apreçar. - *Minho*.

Oh que lindas fitas verdes

Para moças enganar! - *Açores*.

⁵⁹ Desculpa vos há-de dar. - *Lisboa*.

Já se há-de acovardar. - *Alentejo*.

- «Monta, monta, cavaleiro!
Se me quer acompanhar.»
Chegavam a uns altos paços⁶⁰,
Foram-me logo apear.
- «Senhor pai, trago-lhe um genro,
Se o quiser aceitar;
Foi meu capitão na guerra,
De amores me quis contar...
Se ainda me quer agora,
Com meu pai há-de falar.»

Sete anos andei na guerra
E fiz de filho barão.
Ninguém me conheceu nunca
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra coisa não.

⁶⁰ Chegam juntos do castelo. - *Lisboa*.

XXV

O Cativo

Vendido no mercado de Salé pelos corsários que o tomaram, um pobre cativo cristão vai ser escravo de avarento e rico judeu, que lhe dá negra vida. É o primeiro capítulo de uma história sabida e comum: e naturalmente se espera já o segundo, que é namorar-se do interessante cativo a bela filha do mau perro judio, animá-lo, consolá-lo, querer fugir com ele de moirama. - Até aqui vamos pela estrada coimbrã destas aventuras, que por séculos foram quase quotidianas entre nós. Mas daí por diante o caso sai um tanto da marcha ordinária. O cativo nem renega nem foge com a bela judia; e ela apaixonada, rendida, perdida... conhece por fim que não é amada: nos moles braços da amante, o ingrato cristão suspirava, chorava por sua terra talvez, por outros amores, quem sabe? Mas

«Chorava - que não por ela!»

Não se espera a vingança da bela judia: dá-lhe dinheiro para se resgatar, dinheiro do seu dela que sua mãe lhe deixara. Apertada pelo pai que suspeita a verdade, ela confessa tudo, mas defende o cristão por inocente; e só de uma alta torre, contempla a última vela que lhe foge no horizonte com o ingrato amante.

O romance anda por Lisboa, Ribatejo e Estremadura fora; não me chegou informação de que se internasse mais pelas províncias: não deve de ser mais antigo que o meado do século XVII se a copla em que se alude a Ceuta e a Mazagão não é «rifacimento» moderno, como também pode ser, e me inclino a quer que é, porque no resto, o sabor e o estilo é mais velho.

Não aparece nas coleções castelhanas; e se não foi originalmente escrito em português, nacionalizou-se por tal modo, que se lhe não descobre vestígio bem autorizado e certo de outra origem. Nem façam dúvida os artigos *lo*, *la* em vez de *o*, *a*; porque não só os escritores antigos, mas o povo de hoje os substitui assim amiúde quando lho pede o mal soante do hiato. Também dizem *mi'* por *minha*, *padre* e *madre* por *pai* e *mãe*; e outros que parecem castelhanismos sem o serem. *Me' pai* diz ainda hoje, por eufonia, o alentejano, como em tempos de Gil Vicente, se dizia e cantava *m' amor* por *meu amor*.

O CATIVO

Eu vinha do mar de Hamburgo⁶¹
Numa linda caravela;
Cativaram-nos os moiros
Entre la paz e la guerra.
Para vender me levaram⁶²
A Salé, que é sua terra.
Não houve moiro nem moira
Que por mim nem branca dera⁶³;
Só houve um perro judio
Que ali comprar-me quisera;
Dava-me uma negra vida,
Dava-me uma vida perra;
De dia pisar esparto,
De noite moer canela,
E uma mordança na boca
Para lhe eu não comer dela.
Mas foi minha fortuna
Dar c'uma patroa bela,
Que me dava do pão alvo,
Do pão que comia ela.
Dava-me do que eu queria,
E mais do que eu não quisera,
Que nos braços da judia
Chorava – que não por ela.

Dizia-me então: - «Não chores,
Cristão, vai-te à tua terra.»
- «Como me hei-de eu ir, senhora,
Se me falta la moeda?»
- «Se fora por um cavalo,
Eu uma égua te dera⁶⁴;
Se fosse por um navio,
Dera-te uma caravela⁶⁵.»

⁶¹ Meu pai era de Hamburgo,
Minha mãe de Hamburgo era. - *Ribatejo*.

⁶² Me levaram a vender
A Salé, que é má terra. - *Estremadura*.

⁶³ *Ni blanca* é claramente castelhano dizer; mas nos mais puros nossos escritores se encontra. Dito familiar que se introduziu então, como hoje dizemos tanta palavra e frase francesa ou inglesa, por termos com as cousas, livros e usos destas nações o mesmo trato que então tínhamos com castelhanos.

⁶⁴ Eu te daria uma égua - *Ribatejo*.

⁶⁵ Dar-te-ia uma galera - *Lisboa*.

- «Não fora por um cavalo,
Não fora, senhora bela,
Que está longe Mazagão,
Ceuta tem voz de Castela.
Nem por navio não fora,
Que eu fugir não quisera,
Que era roubar a teu pai
Dinheiro que por mim dera.»
- «Toma esta bolsa, cristão,
Feita de seda amarela⁶⁶;
Minha mãe, quando morreu,
Me deixou senhora dela.
Vai-te, paga o teu resgate;
E às damas de tua terra
Dirás o amor da judia
Quanto mais vale que o delas.»

Palavras não eram ditas,
O patrão que era chegado.
- «Venhais embora, patrão,
E vinde com Deus louvado,
Que agora tenho recado
Que o meu resgate é chegado⁶⁷.»
- «Cristão, cristão, que disseste!
Olha que é muito cruzado.
Quem te deu tanto dinheiro
Para seres resgatado?»
- «Duas irmãs mo ganharam,
Outra mo tinha guardado⁶⁸
E um anjo do céu mo trouxe.
Um anjo por Deus mandado.»
- «Dize-me, ó cristão, dize
Se queres ser renegado,
Que te hei-de fazer meu genro,
Senhor de todo o meu estado.»
- «Eu não quero ser judio
E nem turco arrenegado,
E não quero ser senhor,
De todo esse teu estado⁶⁹,

⁶⁶ Com mil dobrões dentro dela.

Co' as mil doblas que estão nela. - *Ribatejo*.

⁶⁷ Este é um dos muitos exemplos de se faltar de vez em quanto à forçada lei da redondilha, aumentando-a com dois versos no mesmo repisado consoante ou toante obrigado.

⁶⁸ Que por mim estão a soldado - *Ribatejo*.

Esta frase *a soldado* para dizer: estão servindo *a soldada, a soldo, como criados*, etc., foi nova para mim; vê-se porém que é legítima portuguesa. Não aproveitei para o texto esta variante por causa da anfibologia.

⁶⁹ De todo esse teu reinado - *Estremadura*.

Porque trago no meu peito
A Jesus crucificado⁷⁰.»

- «Que tens tu, filha Raquel⁷¹?
Dize-me cá, filha amada,
Se é pelo cristão maldito⁷²
Que ficaste desgraçada.»
- «Meu pai deixe o cristão, deixe,
Que ele não me deve nada:
Deve-me a flor de meu corpo,
Mas de vontade foi dada.»

Mandou fazer-lhe uma torre
De pedraria lavrada;
Que não dissessem os moiros:
- «A judia é desonrada.»
Viola, minha viola,
Fica-te aqui pendurada⁷³
Que lá vão os meus amores
Por essa água salgada.

⁷⁰ Outro exemplo de acrescentar dois versos à redondilha, mas sem repetir o consoante senão em um deles.

⁷¹ Anda cá, ó filha Angélica. - *Lisboa*.

⁷² Se é pelo cristão que choras,
Que te deixou desonrada. - *Ribatejo*.

⁷³ Aqui te deixo por mão,
Que os amores da judia
Pelas ondas do mar vão. - *Ribatejo*.

XXVI

A Nau Catrineta

A NAU CATRINETA

Não é para admirar que seja tão geralmente sabida e querida esta xácara. O que admira é que não seja mais comum entre nós o romance marítimo. Um país de navegantes, um povo que viveu mais do mar que da terra; que as suas grandes glórias as foi buscar ao largo oceano; que por não caber em seus estreitos limites de Europa, devassou todo o império das águas para se estender pelo universo, - não pode deixar de ter produzido muito Cooper popular e muito Camões de rua e de aldeia que, em seus pequenos *Lusíadas*, cantasse as mil aventuras de tanto galeão e caravela que se lançavam destemidos.

Por mares nunca dantes navegados.

Temos em prosa muita relação popular de naufrágios que rivaliza em simplicidade antiga com os Cronicões da meia-idade, e cujos escritores parecem discípulos do arcebispo Turpin, do autor da *Formosa Magalona* ou da *Donzela Teodora*. Como eles, andaram muitos anos a cavalo em barbantes no lugar do cego estacionário, ou no bernal do cego ambulante; e só em meios do século passado começaram a juntar-se em volumes na bem conhecida coleção intitulada *História Trágico-Marítima*⁷⁴.

Algumas destas narrativas feitas por pessoas que tiveram parte na aventura, são palpitantes de interesse e de verdade, contêm descrições inimitáveis, desenhadas do vivo, e tais que fazem empalidecer as mais animadas páginas do *Reddrover* e do *Pirata*.

Não singrariam jamais com os nossos argonautas senão os Homeros das grandes Odisséias? Nunca um pobre menestrel do povo que dissesse na harpa ou na viola esses humildes cantares que não cabem na tuba épica, mas também não precisam dos caracteres de Gerardo da Vinha ou de Craasbeck, porque se gravam na memória do povo e se perpetuam no livro vivaz das gerações?

É impossível: seus poetas tem, seus cronistas, seus historiadores; havia de ter seus menestréis e seus trovadores, a aventureira vida de nossos mareantes.

Mas essas ingênuas rapsódias, quem as apagou assim do livro popular? Que estúpidos monges fizeram palimpsestos de suas páginas belas? – que apenas hoje podemos decifrar a custo algum fragmento obliterado como este!

Não é fácil responder com precisão. Mas são certas as razões gerais e sabidas do orgulho monacal, e falso gosto de nossos literatos de universidade e de corte. Se tirarmos Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, o mesmo ou pior diremos dos poetas, que todos ou quase todos venderam sua alma aos clássicos latinos, aos italianos da renascença, e desprezaram, por vulgares, as primitivas formas de seus cantores naturais.

⁷⁴ *História Trágico-Marítima*, em que se escrevem, etc. Por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa ocidental, 1735.

A *Nau Catrineta* foi provavelmente o nome popular de algum navio favorito; diminutivo de afeição posto na Ribeira das Naus a algum galeão «Santa Catarina», ou coisa que o valha. Dar-lhe-iam esse apelido, «coquet» por sua airosa mastreação, pelo talhe elegante de seu casco, por alguma dessas qualidades graciosas que tanto aprecia o olho exercitado e fino da gente do mar. Ou talvez é o nome suposto de um navio bem conhecido por outro, que o discreto menestrel quis ocultar por considerações pessoais e respeitos humanos. Entre as narrativas em prosa que já citei, há uma, por título - «Nanfrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no ano de 1565» - que não está muito longe de se parecer com a do romance presente. Larga e difícil viagem, temporais assombrosos, fome extrema, tentativas de devorarem os mortos, resistência do comandante a esta bruteza, milagroso surgir à barra de Lisboa quando menos o esperavam, e quando menos sabiam em que paragens se achassem – tudo isto há na prosa da narração; e até o poético episódio de estarem a ver os monumentos e bosques de Cintra sem os reconhecer – como na xácara se viam, pela falsa miragem do demônio, as três meninas debaixo do laranjal.

Fosse porém este, ou fosse outro o caso que celebra o romance, houve tantos semelhantes naqueles tempos, que de algum deles, e no fim do século XV ou no XVI, se havia de compor. Mais antigo não é. Além de outras razões, é hoje averiguado que a poesia primitiva da nossa Península raríssima vez admite o maravilhoso, o *Deus ex machina* para solução de suas ingênuas peripécias. Composição em que ele apareça, quase sem hesitar se deve atribuir a origem francesa, franco-normanda, ou mais seguramente ainda à dos bardos e escaldos que por essas vias se derivasse até nós. Depois é que a mitologia de todas as crenças se confundiu, e ainda a mais estranha é a que mais figurava entre nós.

Tem muitas variantes a «nau Catrineta»; as mais notáveis vão apontadas.

A NAU CATRINETA

Lá vem a nau Catrineta⁷⁵
Que tem muito que contar!
Ouvide, agora, senhores,
Uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia⁷⁶
Que iam na volta do mar⁷⁷,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija⁷⁸,
Que a não puderam tragar.
Deitam sortes à ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cair a sorte
No capitão general.

- «Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real⁷⁹,
Vê se vês terras de Espanha,
As praias de Portugal.»
- «Não vejo terras d'Espanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar⁸⁰.»
- «Acima, acima, gajeiro,
Acima ao tope real!
Olha se enxergas Espanha⁸¹,
Areias de Portugal.»
- «Alvíssaras, capitão,
Meu capitão general!

⁷⁵ Ora da nau Catrineta

Dela vos quero contar. - *Estremadura*.

⁷⁶ Sete anos e um dia. - *Minho*.

⁷⁷ Todas as lições dizem assim, menos a do Algarve, que adoptei.

⁷⁸ Mas a sola era tão dura ,

Que a não podiam rilhar. - *Minho*

⁷⁹ Àquele tope real. - *Lisboa*.

⁸⁰ Todas para te matar. - *Estremadura*.

⁸¹ Vê se vês terras d'Espanha,
Areias de Portugal. - *Minho*.

Já vejo terras de Espanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo três meninas⁸²
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.»
- «Todas três são minhas filhas,
Oh! quem mas dera abraçar!
A mais formosa de todas
Contigo a hei-de casar.»
- «A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.»
- «Dar-te-ei tanto dinheiro
Que o não possas contar.»
- «Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.»
- «Dou-te o meu cavalo branco,
Que nunca houve outro igual⁸³.»
- «Guardai o vosso cavalo,
Que vos custou a ensinar.»
- «Dar-te-ei a nau Catrineta⁸⁴,
Para nela navegar.»
- «Não quero a nau Catrineta,
Que a não sei governar.»
- «Que queres tu, meu gajeiro,
Que alvissaras te hei-de dar?»

⁸² Também vejo três meninas. - *Lisboa*.

... três donzelas. - *Beira Baixa*.

⁸³ Para nele campear. - *Ribatejo*.

⁸⁴ A lição de Lisboa acaba aqui o romance por diferente modo. Deixando o sobrenatural da tentação do demônio que toma a forma do gajeiro para tentar o capitão naquele perigo, dá por verdadeira a aparição da terra, e conclui assim:

- «Que queres tu, meu gajeiro,
Que alvissaras de hei-de eu dar?»
- «Eu quero a nau Catrineta
Para nela navegar.»

- «A nau Catrineta, amigo,
É de el-rei de Portugal.
Mas ou eu não sou quem sou,
Ou el-rei ta há-de dar.»

Outra lição também diz nesta última copla:

Pede-a tu a el-rei, gajeiro.
Que ta não pode negar.

- «Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar.»
- «Renego de ti, demônio.
Que me estavas a atentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar⁸⁵.»

Tomou-o um anjo nos braços,
Não no deixou afogar.
Deu um estouro o demônio,
Acalmaram vento e mar;
E à noite a nau Catrineta
Estava em terra a varar⁸⁶.

⁸⁵ O corpo da água do mar. - *Ribatejo*.

⁸⁶ A bom porto foi parar. - *Ribatejo*.

XXVII

O Segador

A edição arraiana deste romance que me veio de Trás-os-Montes chama-lhe *A filha do Imperador de Roma*. Não a segui no título nem em muitas partes do texto, encostei-me antes à lição da Beira Alta. E só estas duas me chegaram; não me consta que noutras províncias do reino seja conhecido.

Que imperador será este? Teremos aqui algum episódio da crapulosa história bizantina, ou é outro capítulo licencioso da crônica secreta de Carlos Magno? O trovador, que a trovou nessa meia-idade, cujo selo visivelmente lhe pende de todas as coplas, não pôs nomes nem datas, segundo o geral costume: e adivinhe quem quiser se este imperador de Roma era do oriente, do alto ou do baixo império, César verdadeiro ou Kaiser de imitação germânica? Deve de ser destes últimos pela menção do duque de Lombardia que no fim aparece.

A lição da Beira, que segui mais que a transmontana, tem muitas variantes obscenas que forçosamente deviam ser desprezadas. Nem as creio originais, senão introduzidas pelo depravado gosto de algum «roué» da aldeia.

Nos romances castelhanos não se encontra, e para o sul de Portugal é inteiramente desconhecido. Todavia, assim restituída pela colação dos dois textos que obtive, esta ficou uma das mais completas relíquias da nossa poesia popular que possam encontrar-se.

O SEGADOR

O imperador de Roma
Tem uma filha bastarda
A quem tanto quer e tanto
Que a traz mui mal criada.
Pedem-lha condes, senhores⁸⁷,
Homens de capa e de espada;
Ela, isenta e desdenhosa,
A todos lhes punha tacha:
Um é criança, outro é velho⁸⁸,
Este que não tinha barba,
Aquele que não tem pulso
Para puxar pela espada.
Dizia-lhe o pai sorrindo:
- «Inda hás-de ser castigada!
De algum vilão de porqueiro
Te espero ver namorada.»
Por manhã de São João,
Manhã de doce alvorada,
Ao seu balcão muito cedo⁸⁹
A infanta se assomava
Viu andar três segadores
Fazendo sua segada;
O mais pequeno dos três
Era o que mais trabalhava.
Fita que traz no chapéu
De oiro e seda era bordada;
Fina prata que luzia
A foice com que ceifava.
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.
O ceifeiro vai ceifando...
Bem sabe ele o que ceifava!

Ali estava a aia discreta
Em quem toda se fiava:
- «Vês, aia, aquele ceifeiro

⁸⁷ Pedem-lha duques e condes – *Trás-os-Montes*.

⁸⁸ A uns que não eram homens,

Outros que não tinham barbas. – *Trás-os-Montes*.

⁸⁹ Subiram-se a uma ventana

Uma ventana mui alta. – *Trás-os-Montes*.

Que anda naquela segada?
Condes, duques, cavaleiros,
Nenhum que o ceifeiro valha.
Vai-mo chamar em segredo,
Que ninguém não saiba nada.»

- «Bom segador, vem comigo,
Que te quer falar minha ama.»
- «Tua ama, não na conheço
Nem tão-pouco a quem me chama⁹⁰.»
- «Cegador de boa estreia,
Traze'la vista mui baixa:
Alça os olhos e verás
A estrela da madrugada.»
- «Vejo o sol que vem nascendo,
Não vejo a estrela de Alva.»
- «Estrela ou sol, vens comigo?»
- «Irei, pois quem pode, manda.»

Entraram por um postigo,
Que a porta inda era cerrada;
No camarim da princesa
O bom do ceifeiro estava.
- «Senhora, que me quereis?
Pois venho à vossa chamada.»
- «Quero saber se te atreves
A fazer minha segada?»
- «Atrever, me atrevo a tudo;
Trabalho não me acovarda.
Dizei vós, senhora minha,
Onde é a vossa segada.»
- «Não é no monte ou no vale,
No baldio ou na coitada;
Segador, é nos meus braços,
Que de ti estou namorada.»
Passou todo aquele dia⁹¹,

⁹⁰ Eu não conheço senhora
Nem tão-pouco a criada. – *Trás-os-Montes*.

⁹¹ Lá junto da meia-noite
Ao cegador perguntava:
- «Dizei-me, bom cegador
De quem eu fico pejada.»
- «Eu sou filho de um porqueiro
E meu pai porcos guardava.»
- «Oh, triste de mim, oh triste,
Oh, triste de mim coitada!
Pediram-me condes, duques,
Homens de capa e d'espada:

O mais da noite passava,
Ceifando vai o ceifeiro...
Bem sabe ele o que ceifava!
- «Basta, basta, segador,
Feita está tua segada:
Vai-te, que meu pai não venha,
Antes de ser madrugada.»
Palavras não eram ditas,
O pai à cama chegava:
- «Com quem falas, minha filha,
Tão cedo de madrugada?»
- «Falo com esta minha aia
Que me tem desesperada;
Uma cama tão mal feita
Que dormir me não deixava.»
- «É forte aia essa tua
Que a barba tem tão cerrada!
Vista-me já a donzela,
Que, antes de ser madrugada,
Pelo barbeiro do algoz
A quero ver barbeada.»
O segador, muito enxuto,
Sua sentença escutava,
Com uma mão se vestia,
Com a outra se calçava.
Saltou no meio da casa
Como se não fora nada:
- «Venha já esse barbeiro
Com a navalha afiada:
Ao duque de Lombardia
Veremos quem faz a barba.»

O imperador, mui contente,
Depressa ali os casava.
Não quis senhores, nem condes
Homens de capa ou de espada,
Senão só o segador
Que andava em sua segada.
Podia ser um porqueiro
Que a deixasse desonrada...
Saiu-lhe um duque reinante,
Senhor de alta nomeada.

E agora eis-me aqui

De um porqueiro desonrada. – *Trás-os-Montes*.

Nesta lição de Trás-os-Montes que dá a Sr.^a Maria Joaquina do lugar de Nantes, a xácara acaba com a variante citada.

Pois tudo é sorte no mundo,
A sorte foi bem deitada.

XXVIII

A Noiva Arraiana

Veio de Almeida esta xácará; e de nenhuma outra parte do reino me chegou outra lição dela, nem vestígio. Bem antiga me parece. O fronteiro que mandou ao mar a armada do cavaleiro ausente, faz pensar que isto seja coisa do tempo das nossas empresas de África. O lugar da cena é inquestionavelmente na raia – e bem posto está ao romance o título de *Noiva Arraiana*. Mas aqui há mar, e armadas que vão ao mar: não pode pois ser outra a raia senão a do Algarve. O estilo da cantiga é ingênuo e puríssimo; os costumes que descreve primitivos e patriarcais; há um sabor homérico neste narrar e neste falar, que ninguém pode confundir com o dizer estudado de trovadores mais modernos. Poetas de civilização mais adiantada não sabem ou não podem chegar tanto a rés da natureza.

O facto é simples e mil vezes visto. Outra edição da Lúcia de Lamermoor, outro cavaleiro de Ravenswood que aparece de repente no meio da boda de sua débil e mal constante namorada, quando ela, já desposada com outro, menos esperava tornar a ver o primeiro amante – o seu, o que ela unicamente quer. Quem se não lembra de Walter-Scott, e de Donizetti também, e do que vibram na alma as palavras de um, as notas do outro, inspiradas por esta situação altamente dramática, sublime de angústia e desesperação?

O nosso trovador arraiano tomou as coisas com mais tento e sossego; não endoideceu nem matou a sua Lúcia; e nem dela nem do seu Ravenswood nos diz que matassem a mais ninguém. O cavaleiro português faz justiça por outro modo nos que o tinham atraído. Levou-lhes a noiva, e deixou-lhes ficar a boda e o jantar.

A NOIVA ARRAIANA

- «Deus vos salve, minha tia,
Na vossa roca a fiar!»
- «Venha embora o cavaleiro
Tão cortês no seu falar!»
- «Má hora se ele foi, tia,
Má hora torna a voltar!
Que já ninguém o conhece
De mudado que há-de estar.
Por lá o matassem moiros,
Se assim tinha de tornar!»
- «Ai sobrinho de minha alma,
Que és tu pelo teu falar!
Não vês estes olhos, filho,
Que cegaram de chorar?»
- «E meu pai e minha mãe,
Tia, que os quero abraçar?»
- «Teu pai é morto, sobrinho,
Tua mãe foi a enterrar.»
- «Qu' é da minha armada, tia,
Que eu aqui mandei estar?»
- «A tua armada, sobrinha,
Mandou-a o fronteiro ao mar.»
- «Qu' é do meu cavalo, tia,
Que eu aqui deixei ficar?»
- «O teu cavalo, sobrinho,
El-rei o mandou tomar.»
- «Qu' é de minha dama, tia,
Que aqui ficou a chorar?»
- «Tua dama faz hoje a boda,
Amanhã se vai casar.»
- «Dizei-me onde é, minha tia,
Que me quero lá chegar.»
- «Sobrinho, não digo, não,
Que te podem lá matar.»
- «Não me matam, minha tia;
Cortesia eu sei usar:
E onde faltar cortesia,
Esta espada há-de chegar.»
- «Salve Deus, ó lá da boda,
Em bem seja o seu folgar!»
- «Venha embora o cavaleiro;

E que se chegue ao jantar!»
- «Eu não pretendo da boda
Nem tão-pouco do jantar;
Pretendo falar à noiva,
Que é minha prima carnal.»

Vindo ela lá de dentro
Toda lavada em chorar,
Mal que viu o cavaleiro,
Quis morrer, quis desmaiar.
- «Se tu choras por me veres,
Já me quero retirar;
Se é os teus gastos que choras,
Aqui estou para os pagar.»
- «Pagar devia co'a vida
Quem me queria enganar,
Quando te deram por morto
Nessas terras de além mar.
Mas que fiquem com a boda
E bem lhes preste o jantar,
Que os meus primeiros amores
Ninguém mos há-de quitar.»

- Venha juiz de Castela,
Alcaide de Portugal;
Que, se aqui não há justiça,
Co' esta espada a hei-de tomar.»

XXIX

Guimar

Dona Guimar – ou Dona Águeda – de Mexia, como lhe chama a lição do Alentejo, é um interessante romancinho que aparece na tradição daquela província e na de Estremadura. Por ambas se apurou o texto que aqui dou.

Nem por outras províncias nossas, nem pelas coleções castelhanas há outro vestígio dele, que eu saiba.

Não é muito antigo o estilo. Mas o fato celebrado é o de uma morte aparente coma qual parece se julgou dissolvido o matrimónio: e disto houve exemplos em tempos remotos em que tinham por certa a morte, e por verdadeira ressurreição o tornar a si o suposto defunto.

Seja porém qual for a data desta composição, há coplas dela que vão de par com o mais belo e original da poesia mais primitiva. Notarei especialmente a volta de Dom João à sua terra naquela manhã de Maio, que os passarinhos cantavam, os sinos tangiam e o rir da natureza se misturava com o chorar dos homens. Também não creio que haja nada mais belo que estoutros versos quando a morta vai tornando a si e pondo os olhos no amante:

Volta a vida que se fora
Com todo o amor que não se ia.

GUIMAR

Era a menina mais linda⁹²
Que naquela terra havia;
Tão formosa e tão discreta
De outra igual se não sabia.
Muito lhe quer Dom João,
Muito de mais lhe queria:
Seus amores, seus requebros
Não cessam de noite e dia.
Por fidalgo e gentil moço
Ninguém tanto a merecia;
Senão que o pai da donzela⁹³
Outro conselho seguia:
Casá-la quer muito rica
Com um mercador que aí havia,
Sem fazer caso de amores,
Sem lhe importar fidalguia.
Dom João, quando isto soube⁹⁴,
Por pouco se não morria:
Foi-se dali muito longe
Sem dizer para onde ia.
Três meses por lá andou,
Três meses nessa agonia;
A vida que lhe pesava
Sofrê-la já não podia.
Mandou selar seu cavalo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia.
O cavalo é quem mandava,
Cavaleiro obedecia.
Passou por terras e terras,

⁹² Era uma menina bela
Discreta e bem parecida,
Dom João a namorava,
Mil requebros lhe fazia. - *Alentejo*.

⁹³ Mas o pai daquela moça
Por melhor conselho havia
Casá-la com um mercador
Que àquelas partes vivia. - *Alentejo*.

⁹⁴ Dom João quando isto ouviu
Fora da terra se ia;
Por lá estivera três meses
Que sofrê-los não podia. - *Estremadura*.

Nenhuma não conhecia.
À sua tinha chegado,
Onde estava não sabia.
Era por manhã de Maio,
Todo o campo florescia,
Os passarinhos cantavam,
O prado verde sorria;
Lá de dentro da cidade
Um triste clamor se ouvia:
Eram sinos a dobrar,
E era toda a clerezia,
Eram nobre, era povo
Que da igreja saía...
Entrou de portas a dentro,
De rua em rua seguia,
Chegou à de sua dama⁹⁵,
Essa sim que a conhecia.
As casas onde morava,
Janelas aonde a via,
Tudo é coberto de preto,
Mais preto que ser podia⁹⁶.
Mandou chamar uma dona⁹⁷
Que ela consigo trazia:
- «Dizei-me por Deus, senhora,
Dizei-me por cortesia,
Esse luto tão pesado
Por quem trazeis, que seria?»
- «Trago-o por minha senhora,
Dona Guimar de Mexia⁹⁸,
Que é com Deus a sua alma,
Seu corpo na terra fria.
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria⁹⁹.»
Dom João quando isto ouviu¹⁰⁰
Por morto em terra caía,
Mas a dor era tamanha¹⁰¹

⁹⁵ Veio-se a passear

À rua de sua amiga. - *Alentejo*.

⁹⁶ Do mais preto que havia. - *Estremadura*.

⁹⁷ Mandou chamar uma dama,

Por Deus e à cortesia:

- «Dize-me tu por quem trazes

Ausências tão doloridas. - *Alentejo*.

⁹⁸ Dona Águeda de Mexia. - *Alentejo*.

⁹⁹ Por vós foi sua partida. - *Estremadura*.

¹⁰⁰ Palavras não eram ditas. - *Estremadura*.

¹⁰¹ Mas a dor era tão forte. - *Estremadura*.

Que a força dela vivia.
Os seus olhos não choravam,
Sua boca não se abria.
Mirava gente em redor
Para ver o que faria.
Vestiu-se todo de preto,
Mas preto que ser podia¹⁰²,
Foi-se direto à igreja
Onde sua dama jazia¹⁰³.
- «Eu te rogo, sacristão,
Por Deus e Santa Maria,
Eu te rogo que me ajudes¹⁰⁴
A erguer esta campa fria.»
Ali a viu tão formosa
Tal como dantes, a via;
Ali, morta, sepultada,
Inda outra igual não havia,
Pôs os joelhos em terra,
Os braços ao céu erguia,
Jurou a Deus e a sua alma
Que mais a não deixaria.
Puxou de seu punhal de oiro¹⁰⁵
Que na cintura trazia,
Para a acompanhar na morte
Já que em vida não podia.
Mas não quis a Virgem Santa¹⁰⁶,
A Virgem Santa Maria
Que assim se perdesse uma alma
Que só de amor de perdia.
Por júzo alto de Deus
Um milagre se fazia:
A defunta a mão direita
Ao seu amante estendia
Seus lindos olhos se abriram,
A sua boca sorria;
Volta a vida que se fora,
Com todo o amor que não se ia.

¹⁰² Do mais preto que havia. - *Estremadura*.

¹⁰³ Onde a sua dama tinha. - *Alentejo*.

¹⁰⁴ Que me ajudes a erguer

A campa de minha amiga. - *Alentejo*.

¹⁰⁵ Puxou por um punhal de oiro

Por lhe fazer companhia. - *Alentejo*.

¹⁰⁶ Permitiu a Virgem Santa,

A Virgem Santa Maria

Que se não perdesse uma alma

Por um preceito que tinha. - *Alentejo*.

Seu pai, o foram buscar,
Que já estava na agonia;
Vêm amigos, vêm parentes,
Todos em grande alegria.
Dão graças à Santa Virgem,
Cujo milagre seria;
E a Dom João dão a esposa,
Que tão bem a merecia.

XXX

Dom Duardos

O último conhecido dos nossos poetas populares antigos, o verdadeiro fundador do teatro de Espanha, Gil Vicente, não era só poeta cômico, segundo vulgamente se crê às cegas, porque poucos abrem os olhos para ler com atenção, para estudar nele, como todos deviam, língua, costumes, estilo, cor e tom nacional da época; nenhum outro escritor português os teve tão verdadeiros, tão caracterizados e sinceros.

O romance heróico ou épico, isto é, que celebrava grandes feitos e sucessos nacionais, interessantes aventuras de guerras e de amores – que dele tomaram o apelido depois de «romanescas», ou porque não «românticas» - este que também rimou muitas vezes devotas legendas de santos e milagres, os passos de história sagrada de ambos os Testamentos, e até os próprios mistérios do dogma; o romance épico em toda a sua primitiva simpleza foi também cultivado por Gil Vicente.

Com ele e com Bernardim Ribeiro creio que morreu, literariamente falando, nos fins do século XV princípios do XVI, para ressuscitar depois, à primeira trombeta do seiscentismo, como todos os gêneros populares que por essa reação ressurgiam; mas rebicado e contrafeito, secante de metáforas, pesado de conceitos, escrito enfim com a pena da asa da «Fênix-Renascida».

Quanto ele fora estimado e cultivado entre nós em tempos de Gil Vicente, vê-se de muitos lugares de seus dramas. E aí se vê também que promiscuamente compunham os nossos trovadores já no dialeto e Castela, já no de Portugal, e ainda o mesmo romance de *soulau* ora se cantava em uma, ora noutra linguagem.

Pora exemplo e prova, leia-se com atenção o diálogo do feiticeiro com a ama de Cismena na cena II de *Rubena*¹⁰⁷. Aí vêm citados como portugueses e em português, a par de outras cantigas castelhanas, muitos romances que alguns passam hoje por legítimos filhos d Castela e suas coleções se encontram; de outros nem por elas há memórias. Tal é o que começa:

«Eu me sam Dona Giralda»

de que não achei outros vestígio nem nos romanceiros castelhanos, nem na nossa tradição oral. Tal é este outro:

«Em Paris está Donalda»

que vem nos citados romanceiros, posto que diferente escrito.

Também no auto dos *Quatro tempos cantam estes* «até chegar ao presépio», manda a rubrica¹⁰⁸, uma *cantiga francesa que diz*:

«Ai de la noble
Vila de Paris!»

¹⁰⁷ *Gil Vicente*, edição de Hamburgo, 1834, tom. II, pág. 27.

¹⁰⁸ *Ibid.*, tom. I, pág. 92.

É claro que este é um romance; e romance conhecido, e que não era castelhano nem português, mas francês. E daqui se depreende também uma coisa que muitas vezes tenho julgado entrever, e de que tenho quase consciência íntima, sem ousar dá-la por certa, porque não há ainda todas as provas documentais que se precisam para uma asserção que há de parecer atrevida; e é – que os romances *primitivos* quase que eram comuns às línguas *romanas*, e que nenhuma os vindicava exclusivamente; porque o trovador catalão ou provençal, português, normando ou castelhano pertencia mais a *república literária* e artística de sua profissão, do que a nenhum reino ou nação, ou divisão política do país. Cantava-se o romance para lá de Ebro? Davam-se às palavras desinências mais curtas e contraídas; dizia-se para cá dele? Produziam-se mais arredondadas. Entre Portugal e Castela menos era preciso ainda porque as línguas, já tão semelhantes, ainda o eram mais então, e no especial dialeto do romance dobradamente.

Aponto isto aqui apenas como ementa, para mais devagar refletir e estudar no que indico. Há grande verdade na indicação; mas até onde ela chega, não sei dizer por ora, nem saberei talvez nunca, porque me não sobra tempo nem paciência para dar professamente a estas coisas. Vou escrevendo o que me ocorre como curioso. A ciência fará o seu o seu ofício com o tempo. Eu não pretendo a literato nem a crítico, e nestas coisas menos que em nenhuma. Ocupo as minhas horas vagas com estes divertimentos inocentes; não faço mais nada.

Tornando ao nosso Gil Vicente, na segunda cena – ato, jornada, ou parte II – da *Rubena*, canta a Cismena em português outro princípio de romance mui notável pelo metro pouco usado na nossa língua:

«Grandes bandos andam na corte
Traga-me Deus meu bom amor.»

Muitas outras provas achará ali o leitor curioso de que este gênero era o mais popular então entre nós. Como o tal cultivou Gil Vicente; e assaz o mostra o romance dos *Padres no Limbo* no auto da «História de Deus», o da *Barca dos Anjos* no auto do «Purgatório», o da *Infanta* no auto das «Cortes de Júpiter», e muitos outros dispersos por suas outras obras dramáticas, além de dois bem conhecidos que expressamente compôs, um à morte de el-rei Dom Manuel, outro à aclamação de Dom João III.

Este primeiro que aqui ponho é de Dom Duardos que vem no fim da tragicomédia (aliás drama cavalheiresco) do mesmo título. Em castelhano foi escrita a tragicomédia, e em castelhano ali vem o romance; na coleção, que por vezes tenho citado, do cavaleiro de Oliveira, aparece em português com declaração de se encontrar assim num antigo manuscrito do século XVI que visivelmente era contemporâneo do poeta. Eu dou-o em ambas as línguas. e posto que os nossos vizinhos o codificassem em seus romanceiros como próprio, fica assim evidente o ser ele de fábrica portuguesa e do nosso Gil Vicente, quer primitivamente o compusesse, ele na nossa língua, quer na deles.

Eis aqui o que, no fim da tragicomédia, diz Artada, antes de cantar o romance:

«Por memória de tal trance
Y tan terrible partida
Venturosa,
Cantemos nuevo romance
A la nueva despedida
- Peligrosa.»

Acabo de cantar o findo o auto, diz o patrão, virando-se para el-rei – não o rei da comédia, mas o rei português Dom João III em cuja corte e presença ela se representa:

«Lo mismo iremos cantando
por esa mar adelante,
a las sirenas rogando
Y Vuestra Alteza mandando:
Que en la mar siempre se cante.»

Era pois novo o romance, por seu dava Gil Vicente, que não precisava nem usava de brilhar com o alheio, e a el-rei seu amo e protetor, como tal endereçava. Não posso deixar de o crer e aceitar como seu.

A lição portuguesa de Oliveira difere algum tanto de castelhana de Gil Vicente; e esta não pouco da que vem no *Romanceiro Geral* de Duran e no *Tesoro de Ochoa*.

Juntam-se aqui todas três, para que as confrontem os curiosos, e se illustre assim a questão que, torno a dizer, suscito, não resolvo.

DOM DUARDOS¹⁰⁹

Era pelo mês de Abril,
De Maio antes um dia,
Quando lírios e rosas
Mostram mais sua alegria;
Era a noite mais serena
Que fazer no céu podia
Quando a formosa infanta,
Flérida já se partia;
E na horta de seu padre
Entre as árvores dizia:
- «Com Deus vos ficade, flores,
Que éreis a minha alegria!
Vou-me a terras estrangeiras
Pois lá ventura me guia;
E se meu pai me buscare,
Pai que tanto me queria,
Digam-lhe, que amor me leva,
Que por vontade não ia;
Mas tanto ateimou comigo
Que me venceu co' a porfia.
Triste, não sei onde vou,
E ninguém não mo dizia!...»
Ali fala Dom Duardos:
- «Não choreis minha alegria,
que nos reinos da Inglaterra
mais claras águas havia,
e mais formosos jardins,
e flores de mais valia.
Tereis trezentas donzelas
Da alta genealogia;
De prata são os palácios
Para vossa senhoria;
De esmeraldas e jacintos
E oiro fino de Turquia,
Com letreiros esmaltados,
Que minha vida se lia,
Contando das vivas dores
Que me destes nesse dia
Quando Primalião
Fortemente combatia:

¹⁰⁹ Lição portuguesa, segundo *Oliveira*.

Matastes-me vós, senhora,
Que eu a ele não o temia...»
Sua lágrimas enxugava
Flérida que isto ouvia.
Já se foram as galeras
Que Dom Duardos havia.
Cinquenta eram por conta,
Todas vão em companhia.
Ao som do doce remar
A princesa adormecia
Nos braços de Dom Duardos,
Que tão bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varia:
Contra a morte e contra o amor
Que ninguém não tem valia.

VERSÃO CASTELHANA DE GIL VICENTE¹¹⁰

En el mes era de Abril,
 De Mayo antes um día,
 Cuando lirios y rosas
 Muestran más su alegría,
 Em la noche más serena
 Que el cielo hacer podía,
 Cuando la hermosa infanta
 Flérida ya se partía:
 Em la huerta de su padre
 Á los árboles decía:
 - «Quedáos adios, mis flores,
 Mi gloria que ser solía;
 Voyme á tierras estrangeras
 Pues ventura allá me guía.
 Si mi padre me buscare,
 Que grande bien me quería,
 Digan que amor me lleva,
 Que no fué la culpa mía:
 Tal tema tomó conmigo,
 Que me venció su porfía.
 Triste no sé adó vó,
 Ni nadie me lo decía.»
 Allí habla Don Duardos:
 - «No lloreis mí alegría,
 Que em los reinos de Inglaterra
 Más claras aguas había,
 Y más hermosos jardines,
 Y vuesos, señora mía.
 Teneis trecientas doncellas
 De alta genealogía;
 De plata son los palacios
 Para vuesa señoría,
 De esmeraldas y jacintos,
 De oro fino de Turquía,
 Com letreros esmaltados
 Que cuentan la vida mía,
 Cuentam los vivos dolores
 Que me distes aqul día

¹¹⁰ Obras de *Gil Vicente*, ed. De Hamburgo, 1834, tom. II, pág. 249.

Cuando com Primalión
Fuertemente combatía:
Señora vos me mataste,
Que yo á él no lo temía.
Sus lágrimas consolaba
Flerida qu'esto oía;
Fueronse á las galeras
Que Dom Duardo tenía.»
Cincuenta eran por cuenta,
Todas van em compañía:
Al son de sus dulces remos
La princesa se adormía
Em brazos de Don Duardos
Que bien le pertenecía.
Sepan cuantos son nacidos
Aquesta sentencia mía:
Que contra la muerte y amor
Nadie no tiene valía.

VERSÃO CASTELHANA DE DURAN¹¹¹

En el mes era de Abril,
De Mayo ántes un día,
Quando los lirios y rosas
Muestran más su alegría,
En la noche más serena,
Qu'el cielo hacer podría,
Quando la hermosa infanta
Flérida, ya se partía;
En la huerta de padre
A los árboles decía:
- «Jamás en cuanto viviere
Os veré tan solo un día,
Ni cantar los ruseñores
En los ramos melodía.
Quédate á Dios, agua clara,
Quédate á Dios, agua fría,
Y quedad con Dios, mis flores,
Mi gloria que ser solía.
Vóime á las tierras estrañas,
Pues ventura allá me guía.
Si mi padre me buscare
Que grande bien me quería,
Digan que el amor me lleva,
Que no fué la culpa mía.
Tal tema tomó conmigo,
Que me forzó su porfía.
Triste no sé dónde voy
Ni nadie me lo decía.»
Allí habló Don Duardos:
- «No lloreis más, mi alegría,
Que en los reinos de Inglaterra
Más claras aguas había
Y más hermosos jardines,
Y vuestros, señora mía:
Teneis trescientas doncellas
De alta genealogía;
De plata son los palacios
Para vuestra señoría;

¹¹¹ *Romancero General*, part. I.

D'esmeraldas y jacintos
Toda la tapicería;
Las cámaras ladrilladas
D'oro fino de Turquía,
Con letreros esmaltados
Que cuentan la vida mía,
Contando vivos dolores
Que me d'ustedes un día
Cuando con Primaleón
Fuertemente combatía.
Señora, vós me matastes,
Que yo á él no lo temía.»
Sus lágrimas consolaba
Flérida que esto oía,
Y fuéronse á las galeras,
Que Don Duardos había:
Cincuenta eran por todas,
Todas van en compañía.
Al son de sus dulces remos
La infanta se adormecía
En brazos de Don Duardos,
Que bien le pertenecía.
Sepan cuantos son nacidos
Aquesta setencia mía:
Que contra muerte y amor
Nadie no tiene valía.

XXXI

A Ama

Bernardim Ribeiro foi natural da vila do Torrão, no Alentejo, vivia por fins do XIV, princípios do XV século; era moço fidalgo de el-rei Dom Manuel e servia no paço, onde a beleza e perfeições da infanta Dona Beatriz lhe inspiraram uma paixão de verdadeiro «Macias namorado». Ainda não estava tão longe o tempo em que princesas e rainhas ouviam sem enfado e aceitavam sem desaire as homenagens dos trovadores. Bernardim era moço, talvez bem parecido, discreto decerto: há toda a razão de crer que foi ouvido com simpatia e indulgência. Toda a sua felicidade ficou por aqui, segundo ele diz:

«Que para mais esperar
Nunca me deram lugar.»

E esta deve ser a verdade; ou ele, de fino amante, no-la ocultou: em qualquer dos casos devemos crê-lo sobre sua palavra.

A infanta casou por procuração com o duque Carlos de Sabóia, em Lisboa, nos paços da Ribeira, a 7 de Abril de 1520¹¹²; e em Agosto seguinte partiu para Itália. As *Saudades*¹¹³ do seu amante ficaram eternizadas no misterioso livro que com esse título compôs. Dele se extraiu este romance, propriamente solau. Tudo aqui é contado e dito por um modo de enigmas e alegorias inteiramente inexplicáveis para quem ignorasse os misteriosos amores do trovador e da princesa. Tão sincero – e amiúde grosseiro a poder de sincero – é o modo de dizer dos antigos menestréis, quando este é delicado por de mais, e à força de o ser, obscuro.

O argumento simplíssimo diz-se em poucas palavras. Beatriz está retirada em sua câmara. Sua paixão por Bernardim não é segredo para a boa ama que a criou e que tanto lhe quer. Canta-lhe esta um «cantar» a modo de «solau» em que tristemente conta e lamenta a má ventura que desde a nascença tem perseguido a sua querida menina, e que maiores desgraças lhe faz temer no futuro.

O estilo tem toda a ingenuidade dos antigos cantares, todo aquele perfume de bonina selvagem que só se encontra pelas devesas incultas da poesia primitiva. E todavia, se ainda são as flores singelas do monte, já se conhece arte no formar do ramallete. Já não são as notas desgarradas, e ásperas por vezes, do primeiro trovar asturiano ou leonês que tinham à dureza de ferro dos descendentes de Pelaió. Já por aqui andam «modos» de trovador provençal. A melodia porém ainda é puramente romântica; as harmonias é que pressentem formas mais clássicas. Vê-se o antigo toante do romance peninsular cedendo à difícil e dura lei das complicadas rimas provençais. Há mais ainda; há uma perfeição no «número» dos ritmos que adivinha já as doçuras italianas. É o trovador do século XV dando a mão ao poeta do século XVI. O que predomina todavia é o modo provençal; e este é, repito, um legítimo solau.

¹¹² Garcia de Resende, *Hida da Infanta*, etc.

¹¹³ *Saudades de Bernardim Ribeiro*, Lisboa, 17...

A AMA

Pansando-vos estou filha,
Vossa mãe me está lembrando;
Enchem-se-me os olhos de água,
Nela vos estou lavando.

Nasceste, filha, entre mágoa;
Para bem inda vos seja!
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento
Nenhuma alegria ouvistes;
Vossa mãe era finada,
Nós outro éramos tristes.

Nada¹¹⁴ em dor, em dor criada,
Não sei onde isto há-de ir ter:
Vejo-vos, filha, fermosa,
Com olhos verdes crescer.

Não era esta graça vossa
Pera nascer em desterro:
Mal haja a desventura
Que pôs mais nisto que o erro!

Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe, e a mágoa a nós!
Não éreis vós, filha, não,
Pera morrerem por vós.

Não ouvem fados razão,
Nem se consentem rogar;
De vosso pai hei mor dó,
Que de si se há-de queixar.

Eu vos ouvi a vós só
Primeiro que outrem ninguém;
Não fôreis vós se eu não fora:
Não sei se fiz mal se bem.

¹¹⁴ Nascida.

Mas não pode ser, senhora,
Pera mal nenhum nascerdes,
Com esse riso gracioso
Que tendes sob olhos verdes.

Conforto, mas duvidoso,
Me é este que tomo assi!
Deus vos dê melhor ventura
Do que tiveste te aqui.

A Dita e a Ferosura,
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia,
Sendo dantes muito amigas.

Muitos hão¹¹⁵ que é fantasia:
Eu, que vi tempos e anos,
Nenhuma coisa duvido
Como ela é azo de danos¹¹⁶

Nem nenhum mal não é crido,
O bem só é esperado:
E na crença e na esperança,
Em ambas há hi cuidado,
Em ambas há hi mudança.

¹¹⁵ Têm para si.

¹¹⁶ De nenhuma coisa duvido, que seja azo de danos.

XXXII

Avalor

Este, que é verdadeiro romance na forma assim como no estilo, parece ter sido feito à partida da infanta para Sabóia, ou talvez por ocasião da viagem que Bernardim Ribeiro ali fez para a ver.

Fosse como ou quando fosse, ele é admirável. Há menos artifício métrico, não menos beleza de poesia que nos outros, não menos sentimento. O estilo é mais desleixado, mais vago, mais de romance.

Em todas as vastíssimas coleções castelhanas não há nada tão belo de elegante simplicidade. Já se vê que não faço a comparação no gênero heróico ou histórico, digo-o dos romances de amor e aventura.

AVALOR

Pela ribeira de um rio
Que leva as águas ao mar,
Vai o triste de Avalor,
Não sabe se há-de tornar.
As águas levam seu bem,
Ele leva o seu pesar;
E só vai, sem companhia,
Que os seus fora ele deixar;
¹¹⁷Cá quem não leva descanso
Descansa em só caminhar.
Descontra donde ia a barca,
Se ia o sol a baixar;
Indo-se abaixando o sol,
Escurecia-se o ar;
Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.
Da barca levantam remos,
E ao som do remar
Começaram os remeiros
Da barca este cantar:
- «Que frias eram as águas!
Quem as haverá de passar?»
Dos outros barcos respondem:
- «Quem as haverá de passar?
Frias são as águas, frias,
Ninguém nas pode passar;
Senão quem pôs a vontade
Donde a não pode tirar.
¹¹⁸Tra'la barca lhe vão olhos
Quanto o dia dá lugar:
Não durou muito, que o bem
Não pode muito durar.
Vendo o sol posto contr'ele¹¹⁹,
Não teve mais que pensar;
Soltou rédeas ao cavalo
À beira do rio a andar.
A noite era calada
Pera mais o magoar,

¹¹⁷ Que, pois que.

¹¹⁸ Trás a, após a.

¹¹⁹ Defronte dele.

Que ao compasso dos remos
Era o seu suspirar.
Querer contar suas mágoas
Seria areias contar;
Quanto mais ia alongando,
Se ia alongando o soar.
Dos seus ouvidos aos olhos
A tristeza foi igualar;
Assi como ia a cavalo
Foi pela água dentro entrar.
E dando um longo suspiro
Ouvia longe falar:
Onde mágoas levam olhos,
Vão também corpo levar.
Mas indo assi por acerto,
Foi c'um barco amarrado à terra,
E seu dono era a folgar.
Saltou assi como ia, dentro,
E foi a amarra cortar:
A corrente e a maré
Acertaram-no a ajudar.
Não sabem mais que foi dele,
Nem novas se podem achar:
Suspeitaram que foi morto,
Mas não é pera afirmar:
Que o embarcou ventura,
Pera só isso aguardar.
Mas mais são mágoas do mar
Do que se podem curar.

XXXIII

Cuidado e Desejo

Todo este solau – e creio que propriamente este é também um verdadeiro solau – todo ele é alegórico dos misteriosos amores do «poeta das saudades.»

Bernardim Ribeiro vaga triste e solitário pelas margens de um rio escuro e coberto de arvoredos. Aparece-lhe o seu «cuidado» na figura de um velho encanecido que lhe mostra o seu fatal «desejo» todo coberto de dó; chorando e pensativo declara-lhe que em má hora o viu porque nunca mais o há-de esquecer. Some-se a visão; e ele caminha rio abaixo, até dar «antre uns medonhos penedos» (se será Sintra?) onde a «fantasia» lhe apresenta sua triste «lembrança na figura de uma bela mulher de «loiros cabelos e olhos verdes», coberta de um negro manto. É Beatriz que ele ama, que o adora e que não pode ser sua! Escura noite lhe esconde a visão bem-aventurada; e de um «alto oiteiro» lhe bradam (porque não dos Alpes, do Piemonte onde lha tinham levado?) – Bernardim Ribeiro, olha onde estás».

De demasiada altura onde subiram, seus atrevidos pensamentos que fazem recordar quão baixo o tinha posto a sorte para se atrever a tanto. – O namorado trovador cerra os olhos para nunca mais os abrir. Que lhe resta a ele que ver no mundo?

Este romance seria feito ao ordenar-se o casamento da infanta com o duque de Sabóia? Não vem inserto nas *Saudades*, como o antecedente, da Ama, e o subsequente de Avalor: por isso aqui pôs claro o seu nome de Bernardim Ribeiro, que no misterioso livro de cavalarias, ora se disfarça em anagramas de suas próprias letras, ora sob as de outros se desfigura, para confundir e enredar a todo o que não tivesse a chave do querido segredo. O nome porém da infanta nem aqui, nem em parte nenhuma o expôs a ser decifrado pela mais remota indução. Neste romance não há nomes femininos; os que se encontram em tudo quanto escreveu, assim podem ser Maria, Antónia, como Joana, etc. Em nenhum há letras ou sons que se pareçam com os de Beatriz.

Nada digo do estilo, é o mesmo da peça precedente. As belezas são infinitas; nenhum poeta português escreveu tanto com o sangue de seu coração.

CUIDADO E DESEJO

Ao longo de uma ribeira
Que vai pelo pé da serra,
Aonde me a mi fez a guerra
Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dor:
Já era tarde do dia,
E a água dela corria
Por entre um alto arvoredado,
Onde às vezes ia quedo
O rio, e às vezes não.

Entrada era do verão,
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso.
Ao ruído saudoso
Das águas cantavam elas:
Todas minhas querelas
Se me puseram diante;
Ali morrer quisera ante
Que ver por onde passei.
Mas eu que digo – passei!
Andes inda hei-de passar,
Em quanto hi houver pesar,
Que sempre o hi há-de haver.

As águas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxera ao pensamento,
Que assim eram minhas mágoas,
Donde sempre correm águas
Por estes olhos mesquinhos,
Que têm abertos caminhos
Pelo meio do meu rosto.
E já não tenho outro gosto
Na grande desdita minha.
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assim não sei como,
Donde eu certa crença tomo
Que, para me deixar, veio.

Mas, tendo-me assi alheio

De mi o que ali cuidava,
Da banda donde água estava
Vi um homem todo cam¹²⁰,
Que lhe dava pelo cham
A barba e o cabelo.
Ficando eu pasmado dele,
Olhando ele para mi,
Falou-me e disse-me assi:
- «Também vai esta água ao Tejo»

Nisto olhei, vi meu Desejo
Estar de trás triste e só,
Todo coberto de dó,
Chorando sem dizer nada,
A cara em sangue lavada,
Na boca posta ãa mão,
Como que a grande paixão
Sua fala lhe tolhia.
E o velho que tudo via,
Vendo-me também chorar
Começou a assi falar:
- «Eu mesmo são¹²¹ teu Cuidado
Que noutra terra criado,
Nesta primeiro nasci.
E essoutro que está aqui
É o teu Desejo triste;
Que má hora o tu viste
Pois nunca te esquecerá!
A terra e mar passará
Trespessando a mágoa a ti.»

Quando lhe eu aquisto ouvi,
Soltei suspiros ao choro;
Ali claramente o foro
Meus olhos tristes pagaram
De um bem só que eles olharam,
Que outro nunca mais tiveram.
Nem o tive, nem mo deram,
Nem o esperei somente:
De só ver fui tão contente,
Que pera mais esperar
Nunca me deram lugar.
E n'aquisto, triste estando
Com os olhos tristes olhando

¹²⁰ Encanecido, de cabelo branco.

¹²¹ Sou.

Daquelas bandas d'além,
Olhei e não vi ninguém.
Dei então a caminhar
Rio abaixo, até chegar
À cerca de Montemor.
Com meus males de redor,
Da banda do meio-dia,
Ali minha Fantasia,
D'antre uns medrosos penedos,
Onde aves que fazem medos
De noite os dias vão ter,
Me saiu a receber
Com ãa mulher pelo braço,
Que, ao parecer de cansaço
Não podia ter-se em si,
Dizendo: - «Vês, triste, aqui
A triste Lembrança tua.»
Minha vista então na sua
Pus, dela todo me enchi:
A prima coisa que vi
E a derradeira também,
Que no mundo vão e vêm!

Seus olhos verdes rasgados
De lágrimas carregados,
Logo em vendo-os, pareciam
Que de lágrima enchiam
Contino as suas faces,
Que eram, gran' tempo, paces¹²²
Antre mim e meus cuidados.
Loiros cabelos ondados
Um negro manto cobria:
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver,
Como furtados, tirou,
Depois em cheio me olhou.
Seus alvos peitos rasgando
Em voz alta se aqueixando,
Disse assi mui só sentida:
- «Pois que mor dor há na vida
Para que houve aí morrer?»
Calou-se sem mais dizer.
Eu de mi gemidos dando,
Fui-me para ela chorando

¹²² Pazes.

Para a haver de consolar...

Nisto pôs-se o sol ao mar,
E fez-se noite escura,
E disse mal à ventura
E à vida, que não morri...
E muito longe dali,
Ouvi de um alto oiteiro
Chamar: - «Bernardim Ribeiro!»
E dizer: - «olha onde estás!»
Olhei de ante e de trás
E vi tudo escuridão,
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri,
Que depois que a perdi
Nunca vi tão grande bem.
Porém inda mal, porém!

XXXIV

O Cordão de Ouro

Não parece esta uma daquelas «verdes» anedotas que a prosa de Bocácio e os versos de La Fontaine imortalizaram? O estilo é menos licencioso, porque, sincera e nua às vezes, contudo é sempre mais casta a poesia primitiva. O seu pudor é o da ingenuidade que se despe porque mal não pensa, não o da hipocrisia que por maliciosa se cobre. Contudo os dois últimos versos são um verdadeiro remate de epigrama que faria honra a um poeta da escola de Voltaire, e podia ser fecho de uma cantiga de *vaudeville* de Scribe. Entre portugueses, só D. Francisco Manuel de Melo ou Nicolau Tolentino os faria tão naturais e tão picantes ao mesmo tempo.

Assim ao adivinhar, que é o único modo de entrar nestas prosas, orço a data desta composição pelos tempos da guerra da aclamação, isto é, por meados do século XVII.

É omissos nos romanceiros dos nossos vizinhos; e em Portugal não tenho notícia de que se encontre senão na tradição oral de Trás-os-Montes, onde achei três cópias dele, uma mais completa que as outras; de elas se apurou o presente texto. As variantes quase todas desprezíveis.

O CORDÃO DE OIRO

Lá se vai o capitão
C'os seus soldados à guerra:
Duzentos eram quintados,
Eram duzentos de leva¹²³.
Se todos eles vão tristes,
Um mais que todos eram:
Baixa traz a sua espada,
Seus olhos postos em terra.
Lá no meio do caminho
O capitão lhe dissera:
- «Porque vais triste, soldado
Essa paixão por quem era?»
- «Não é por pai nem por mãe,
nem por irmã que eu tivera¹²⁴,
É pela esposa que deixo
Lá tão só na minha terra.
Este cordão de oiro fino,
Que sete arráteis bem pesa,
Mais me pesa a mim levá-lo,
Que ao partir lho não dera!»
- «Soldado, tens sete dias
Para que voltes a vê-la.
Se a encontrares chorando,
Ficas sete anos com ela:
Senão, nem mais uma hora
Terás de aguardo ou de espera.»
Quem saltava de contente
O meu soldadito era.
Deixou estrada direita,
Por atalhos se metera;
Inda não é meia-noite,
À sua porta batera.
- «Quem bate à minha porta,
Quem bate com tanta pressa?
- «É um soldado, senhora,
Que voz traz novas da guerra.»
- «Mal haja a nova que traz,
E mais quem veio trazê-la!
Ergue-te tu, minha vida,

¹²³ Duzentos quintados eram – *Trás-os-Montes*.

¹²⁴ Nem por minha irmã mais velha – *Trás-os-Montes*.

Assoma-te a essa janela;
Despede-me esse soldado
Que a tão má hora aqui chega.»
- «Amigo, vindes errado
Co'as vossas novas da guerra:
Deixai-nos dormir em paz,
Que bem precisamos dela.»

Foi-se dali o soldado
Mais pronto do que viera:
- «Bem haja o meu capitão
Pelo bem que me fizera!
Com sete dias de aguardo...
Nem sete horas carecera
Para me quitar saudades,
Livrar-me de toda a pena!
Tomai lá meu capitão
Os mimos da minha terra;
Este cordão de oiro fino,
Que agora inda mais me pesa.
Minha mulher não precisa,
Que os primos podem mantê-la.»
- «Pois tua mulher tem primos,
E tu vinhas com dó dela!...»

XXXV

O Cego

Há duas baladas escritas em dialecto escocês por el-rei James V de escócia, que ambas se parecem muito com esta. Uma especialmente, *The Gaberlunzie man*, até no metro e nas formas exteriores dá bastantes ares da nossa xácara. Começa assim:

The pauky auld carle come ovir the lee
Wi' mony good-eens and days to mee,
Saying: Goodwife, for zour courtesie,
Will ze lodge a silly poor man?¹²⁵

O rei James, que morreu de trinta e três ano, em 1 de Dezembro de 1542, era um jovem rei, tunante e maganão, que se disfarçava em trajos de mendigo, de adelo, ou que tais, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeias ou pelos bairros escusos das cidades. Cantor de seus próprios feitos, celebrava-os depois em galantes trovas, a que não falta a graça nem o chiste do gênero. A que se intitula *The Jolly Beggard*, e que por licenciosa e fresca de mais, a não admitiu o bispo Percy na sua colecção, talvez tenha ainda mais mérito de arte.

O *Gaberlunzie man* de real balada é porém todo inteiro o *Cego* da nossa xácara, menos em certos incidentes que são mais poéticos e mais interessantes na composição portuguesa.

Disfarçado em trajos de cego mendigo, um senhor de alta jerarquia falou de amores a uma donzela de muito inferior nascimento que vivia com sua velha mãe. Por acordo, mais ou menos expresso entre os dois amantes, se apresenta este por noite à porta da velha com sua caramunha. A mãe dorme; e Aninhas, que responde ao cego, parece fazê-lo ou com ironia ou em pique de ciúmes, e por nenhum modo lhe quer abrir «porta ou postigo».

Põe-se o cego a cantar lamentosamente a sua desgraça; e com a chorada cantilena se abranda ou finge abrandar-se o coração da rapariga. Desperta a mãe para que o venha ouvir; e quando esta, condoída, lhe manda dar esmola, o cego recusa, não quer senão que o ponham no caminho que perdeu. É a própria velha, coitada, a que diz à filha que lho vá ensinar. E assim fogem os dois, com a maior tranqüillidade com que ainda fugiram amantes.

Note porém a maestria do nosso poeta popular. A fugitiva sustenta sempre aquela tão perdoável hipocrisia feminina, último protesto do pudor moribundo. Fiando homéricamente na sua roca, vai fingindo guiar o cego, vai parecendo acreditar que não sabe aonde nem a que vai. Senão quando, aparece um tropel de cavaleiros: é a comitiva do nosso rei encoberto, príncipe ou conde pelo menos. Adeus gaivão de cego, e andrajos de mendigo! A cavalo e trotar largo! Já o cego vê, já a donzela sabe onde vai. E com este seu fino e malicioso dito, conclui a trova:

Um cego me leva... e vejo o caminho!

¹²⁵ Percy's *Reliques of Ancient English Poetry*, Séries II, book I, 10.

Tal é o argumento da cantiga portuguesa muito mais romanesco do que o das escocesas, posto que seja o mesmo o fundo da anedota.

Não duvido supor que talvez de Glasgow ou de Aberdeen trouxessem os nossos mareantes esta história, e de Viana ou do Porto se internasse pelo Minho onde ela é mais vulgar. Não lho pagaríamos só em vinho e fruta aos nossos amigos do norte, porque em mercadorias daquele mesmo gênero para lá temos exportado bastante.

A forma métrica é a do romance de Santa Iria. O texto foi restituído com dificuldade, porque esta forma se presta ainda mais à corrupção do que a outra, desafiando o prolífico talento dos nossos trovadores de aldeia a bordar seus pretensiosos floripôndios sobre a singela talargaça do original.

Vão por ementa, apontadas algumas variantes menos absurdas.

O CEGO

- «Abre a porta, Ana, abre de mansinho¹²⁶,
Que venho ferido, morto do caminho.»
- «Se vindes ferido, pobre coitado!
Ireis muito embora por outro caminho.»
- «Ai! abre-me a porta, abre de mansinho,
Que tão cego venho, não vejo o caminho.»
- «Porta nem postigo não abro ao ceguinho,
Vá-se na má hora pelo mau caminho.»
- «Ai do pobre cego que anda sozinho
Cantando e pedindo por esse caminho!»

Minha mãe acorde, oiça aqui baixinho¹²⁷
Como canta o cego que perdeu o caminho»
- «Se ele canta e pede, dá-lhe pão e vinho;
E o pobre cego que vá o seu caminho.»
- «O teu pão não quero, não quero o teu vinho,
Quero só que Aninhas¹²⁸ me ensine o caminho.»
- «Toma a roca, Ana, carrega-a de linho,
Vai com o pobre cego, pô-lo a caminho.»
- «Espiou-se a roca, acabou-se o linho,
Fique embora o cego, que este é o seu caminho.»
- «Anda mais, Aninhas, mais um bocadinho,
Sou um pobre cego, não vejo o caminho.»
- «Ai! arreda, arreda para este altinho,
Que aí vêm cavaleiros por esse caminho.»
- «Se vêm cavaleiros, vêm devagarinho,
Que há muito me tardam por este caminho.»
A cavalaria passou de mansinho...
Cego, lo meu cego já via o caminho¹²⁹.
Montou-me a cavalo com muito carinho...
Um cego me leva... e vejo o caminho!

¹²⁶ - «Abre a porta, Ana, sobre o teu postigo,
Dá-me um lenço, amores, que venho ferido.»
- «Se vindes ferido, vinde muito embora,
Porque minha porta não se abre agora.» - *Estremadura*.

¹²⁷ - «Minha mãe acorde do doce dormir,
Venha ouvir o cego cantar e pedir. - *Estremadura*.

¹²⁸ Diminutivo minhoto de Ana.

¹²⁹ Este é um modo de dizer provinciano bastante usado do nosso povo em quase todo o reino. «Filho, lo meu filho; madre, la mi' madre, etc.», ocorre em muitas cantigas populares, romances e semelhantes. São relíquias do antigo asturiano que o nosso dialecto conservou tanto e mais do que o castelhano. O mesmo fizeram os nossos vizinhos de Galiza. Tem sido tenaz nestes arcaísmos a poesia do povo, porque a salva dos hiatos que tanto lhe repugnam.

XXXVI

Linda-a-Pastora

Quem desce Tejo abaixo, por esta margem do Norte onde está Lisboa, e tendo saudado o precioso monumento de Belém, a sua torre não menos bela, entra no *fashionável* Pedreiro de daí segue às praias da Dafundo até a Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pode dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sítios que, depois de Sintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de Agosto a princípios de Novembro é que tudo ali corre, e que os banhos do mar povoam aqueles belos ermos, nas outras estações desamparados.

Quem tiver porém o bom gosto de resistir ao despotismo tarifário da moda, e se abalçar em Maio ou Junho a este largo passeio, que no estado dos nossos caminhos é antes uma pequena viagem, creia que há-de ser pago de sua nobre ousadia. Não há palavras que digam todas as belezas daquela terra, daquele céu, daquelas águas. À esquerda o Tejo, os navios que entram e saem, as frotas de barcos pescarejos, a areia alva junto à beira de água, e logo pegada à salsugem, a prodigiosa vegetação das plantas que a amam e em que se pasce guloso e largo à vontade o gado. Perto, um saveiro que chegou à terra e cuja companhia puxa ao longo da praia pela rede que arrasta os inumeráveis cardumes de peixes que logo virão saltar na areia. À direita, nas eminências, as ruínas pitorescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto encastado na verdura viçosa e florida da primavera que ainda não queimou o Sol do estio. No fim do verão, quando vai todo o mundo, já não há senão resteva nos campos, talos de ervas secas nos montes, árvores sem folha, poeira nos ares, e uma ventaneira despregada que não cessa.

Já me eram familiares de anos aqueles sítios; mas posso dizer que os não conheci bem como eles são deveras, senão quando, haverá hoje três anos, ali fui um dia primeiro de Maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas, chegando à ribeira de Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte, porque a várzea que daí se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma beleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velejam centenas de moinhos. Árvores grandes e belas, como rara vez se encontram nesta província dendroclasta, rodeavam melancolicamente, no mais fundo do vale, a velha mansão do Rodízio. E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia de Suíça com suas casinhas brancas, suas ruas em socalcos, seu presbitério ornado de um ramalhete de faias; grandes massas, de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreirais, pardinzitos quase penses, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difícil de encontrar tão perto de uma grande capital.

O lugarejo é bem conhecido de nome e fana, chama-se Linda-a-Pastora. Porquê? Não sei. Têm-me jurado antiquários de «meia tigela» que o seu verdadeiro nome é Nina a Pastora. Mas enquanto não achar algum de «tigela inteira» que me saiba dar a razão por que se havia de chamar assim, meio em

português meio em castelhano, um aldeote de ao pé de Lisboa – Hei-de chamar-lhe e, como os seus habitantes e toda a gente diz: Linda-a-Pastora.

Namorei-me do sítio por modo que ali passei o verão todo; e dali fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças, que todas são bonitas. Foi neste próprio apropriado sítio que a Sr.^a Francisca, lavadeira bem conhecida do lugar, me deu a última e, ao parecer, mais correcta lição que do presente romance tinha obtido. Em outras partes do reino traz ele o título de Pastorinha; aqui era justo e natural que se lhe desse o de Linda-a-Pastora, que assentei conservar-lhe.

Na forma é um romance em endeixas, mas o fundo é de uma verdadeira pastorela do gênero provençal; nem a fariam mais graciosa Giraud Riquier ou Giraud de Borneill.

Tem muitas variantes, porque todo o reino a sabe e canta. Eu noto somente as principais.

LINDA-A-PASTORINHA

- «Linda pastorinha, que fazeis aqui?»
- «Procuro o meu gado que por aí perdi.»
- «Tão gentil senhora a guardar o gado!»
- «Senhor, já nascemos para esse fado.»
- «Por estas montanhas em tão grande p'rito!»
Diga-me, ó menina, se quer vir comigo.»
- «Um senhor tão guapo dar tão mau conselho¹³⁰
Querer que se perca o gado alheio!»
- «Não tenha esse medo que o gado se perca¹³¹
Por aqui passarmos uma hora de sesta.»
- «Tal razão como essa eu não na ouvirei¹³²:
Já dirão meus amos que de mais tardei,»
- «Diga-lhe, menina, que se demorou
Co'esta nuvem de água que tudo molhou.»
- «Falarei verdade, que mentir não sei:
À volta do gado eu me descuidei.»
- «Pastorinha, escute, que oiço balar gado...»
- «Serão as ovelhas que me têm faltado.»
- «Eu lhas vou buscar já muito depressa,
Mas que me espedace por essa chaneca.»
- «Ai como vai grave de meias de seda!
Olhe não as rompa por essa resteva¹³³.»
- «Meias e sapatos¹³⁴, tudo rompere¹³⁵
Só por lhe dar gosto, minha alma, meu bem.»
- «Ei-lo aqui vem; é todo o meu gado.»
- «Meu destino foi ser vosso criado.»
- «Senhor, vá-se embora, não me dê mais pena,
- «Que há-de vir meu amo trazer-me a merenda.»
- «Se vier seu amo, venha muito embora;
Diremos, menina, que cheguei agora.»
- «Senhor, vá-se, vá-se, não me dê tormento:
Já não quero vê-lo nem por pensamento.»
- «Pois adeus, ingrata da Linda-a-Pastora!
Fica-te, eu me vou pela serra fora¹³⁶.»

¹³⁰ Não deve ser nobre quem dá tal conselho – *Minho e Beira Baixa*.

¹³¹ Eu não digo isso, que o gado se perca, Mas que descansemos uma hora de sesta. – *Beira Alta e Estremadura*.

¹³² Que dirão meus amos em que me ocupei. – *Beira Alta*.

¹³³ Por essas estevas – *Alentejo*.

¹³⁴ Meias e vestidos – *Ribantejo*.

¹³⁵ Romperem – *Coimbra*.

¹³⁶ Vai guardar teu gado pela serra fora. – *Beira Alta*.

- «Venha cá, Senhor, torne atrás correndo...
Que o amor é cego, já me está rendendo.»
Sentaram-se à sombra... tudo estava ardendo...¹³⁷
Quando elas não querem, então 'stão querendo.

¹³⁷ Senta-te a esta sombra que está o mundo ardendo.

– «Eu bem não queria, mas estou querendo.»

– «Cala-te, pastora, não digas mais nada, que a aposta que eu fiz já está ganhada.»

- «Senhor, vou sentar-me não por má tenção. Pois sabe a verdade, que sou teu irmão. – *Beira Alta*.

- «Sente-se a esta sombra, passemos a sesta,

Já pouco me importa que o gado se perca.»

Ó gente da casa, acudi ao gado,

Que foge a pastora c'o seu namorado. - *Minho*.

XXXVII

O Marquês de Mântua

Ei-lo que se apeia de seu clássico barbante em que tantos anos cavalgou, e despindo o papel-pardo em que o embrulhavam os cegos e vendilhões de nossas feiras, vem o nobre Marquês de Mântua, tomar o seu lugar entre os mais venerados e antigos romances do ciclo de Carlos Magno. Sua nobre oreigem bem sabida é e bem manifesta: francesa ou provençal. Se foi a língua «d'oil» ou a língua «d'oc» a primeira que falou, não sei; quando atravessou os Pirenéus e veio para nós, certo que já era familiar com ambas. Passou muito tempo em Espanha por ser composição de Jerônimo Treviño¹³⁸; hoje com razão se crê que o Treviño não foi senão o editor que em 1598 o imprimiu: sem dúvida o romance é muito mais antigo que isso; só dá lição portuguesa me parece que posso responder que é dos fins do século XIV, princípios – quando muito - do século XV. E todavia a forma em que ele aparece em português não creio que fosse a primitiva que entre nós teve, e me inclino a que ela seja posterior à que têm os nossos vizinhos castelhanos em suas coleções¹³⁹. Aqui é mais dramático, lá mais épico: nas multiplicadas edições dos cegos chegou a obter o nome da tragédia. Todavia, não deixarei de observar que, revestidos desta mesma forma, há romances muito mais antigos do que os narrativos. As rubricas de «aqui fala o marquês, agora diz o imperador, etc.», não são indisputável prova de que a composição fosse para se representar teatralmente.

Sem profundar nenhuma destas questões, contento-me de sacar do lixo de «feira da ladra», esta bela relíquia da nossa literatura popular romanesca, e de restituir ao seu eminente lugar o nobre marquês de Mântua, embora me criminem e escarneçam os superciliosos acadêmicos de todas as academias reais e não reais deste mundo.

¹³⁸ Pelicer, notas a *Dom Quixote*.

¹³⁹ *Cancioneiro de romances; Silva de vários romances; Floresta de vários; e ultimamente Duran, Romanceiro general*, ed. De 1849-51, tom. I, pág. 207.

O MARQUÊS DE MÂNTUA

Na caça andava perdido
De Mantua o velho marquês,
E no peito pressentido
O coração traz de envez:
Mais, não sabe o sucedido!
Farto já de caminhar
Por tão fragosa montanha,
Cansado assim sem companha,
Sem ter onde repousar
Nessa terra tão estranha,
Vendo o mato tão cerrado,
Assentou de se apeiar
E o seu cavalo deixar
Porque estava de cansado
Que já não podia andar:

FALA O MARQUÊS

- Fortunosa caça é esta
Que a fortuna me há mostrado,
Pois que. Por ser manifesta,
Minha pena e gran'cuidado,
Me mostrou esta floresta.
Nunca vi tão forte brenha
Desque me acordo de mi,
Eu creio que Margarsi
Fez esta serra Dardenha,
Estes campos de Methli.
Quero tocar a buzina
Por ver se algum me ouvirá;
Mas cuido que não será,
Porque minha gran'morfina
Começou comigo já.
Todavia quero ver
Se mora alguém nesta serra
Que me diga desta terra
Cuja é para saber;
Que quem pergunta não erra.
Agora vejo-me aqui
Nesta tão grande espessura,
Que nem eu me vejo a mi,
Nem sei de minha ventura,

Nem menos será cordura.

DIZ VELDEVINOS

-ó Virgem minha senhora,
Madre do rei da verdade,
Por nossa gran'piedade
Sede minha intercessora
Em tanta necessidade.
Ó suma Regina pia,
Radiante luz febea,
Custória anima meã,
Pois está na terra fria
A alma de pesar cheia,
Pois és amparo dos teus,
Consola os desconsolados,
Rainha dos altos céus,
E roga a meu Senhor Deus
Que perdoe meus pecados.

FALA O MARQUÊS

- Não sei quem ouço gemer
E chorar de quando em quando:
Alguém deve de aqui estar...
Segundo se está queixando,
Deve ter grande pesar.

FALA VALDEVINOS

- Domine, momento mei,
lembrai-vos de minha alma,
pois que sois da glória rei,
Nascido da flor da palma,
Remédio de nossa lei.

DIZ O MARQUÊS

- Segundo dele se espera,
Aquele home anda perdido,
Ou por ventura ferido
De alguma besta fera.
Quero ver este mistério,
Que a falta me dá ousadia
Porque dois em companhia
Terão grande refrigério
Para qualquer agonia.

DIZ VALDEVINOS

- Ó minha esposa senhora,
Já não tereis em poder
Vosso esposo que assim chora,
Pois a morte roubadora
Vos roubou todo o prazer.
Ó vida do meu viver,
Resplandecente narciso,
Gran' pena levo em saber
Que nunca vos hei de ver
Até o dia do juízo.
Ó esperança por quem
Tinha vitória vencida!
Ó minha glória, meu bem,
Porque não partis também,
Pois que sois minha vida?
Senão for vossa vontade
De haver de mim compaixão,
Mandai-me meu coração,
Minha fé e liberdade,
Que está em vossa prisão,
Madre minha muito amada,
Qu' é de o filho que paristes,
De que éreis consolada?
Como se há tornado nada
Quanta glória possuístes?
Já me não vereis reinar,
Já me não dareis conselho,
Nem eu o posso tomar;
Que quebrado é o espelho
Em que vos sabeis olhar.
Já nunca me haveis de ver
Fazer justas e torneios,
Nem vestir nobres arreios,
Nem cavaleiros vencer,
Nem tomar bandos alheios,
Já não tomareis prazer
Quando me vires armado;
Já não vos virão dizer
A fama de meu poder,
Nem louvar-me de esforçado.
Ó valentes cavaleiros,
Reinados de Montalvão,
Ó esforçado Roldão,
Ó marquês Dom Oliveiros,

Dom Ricardo, Dom Dudão,
Dom Gaifeiros, Dom Beltrão,
Ó gran' duque de Milão,
Que é vosso Valdevinos?
Ó esforçado Guarinos,
Quem consigo vos tivera!
Meu amigo Montesinhos,
Já nunca mais vos verei;
Dom Alonso da Inglaterra,
Já nunca acompanharei
O conde Dirlos na guerra.
Ó esforçado marquês
De Mântua, teu senhorio,
Já não me poreis arnês,
Nem me vereis outra vez
Gozar vosso senhorio.
Já não quero o vosso estado,
Já não quero ser pessoa,
Nem mandar, nem ter reinado;
Já não quero ter coroa,
Nem quero ser venerado.
Ó Carlos imperador,
Senhor de mui alta sorte,
Como sentireis gran' dor
Sabendo de minha morte,
E quem dela é causador:
Bem sei, se sois informado
Do caso como passou,
Que serei mui bem vingado,
Ainda que me matou vosso filho mui amado.
Ó príncipe D. Carloto,
Quem, sendo tão desigual, te moveu a fazer mal
Em um lugar tão remoto
A teu amigo leal?
Alto Deus omnipotente,
Juiz direito sem par,
Sobre esta morte inocente
Justiça queirais mostrar,
Pois morro tão cruelmente.
Ó Madre de Deus benigno,
E a fonte da piedade,
Arca da Santa Trindade,
De donde o Verbo Divino
Trouxe sua humanidade,
Ó Santa Domina meã,
Ó Virgem gratia plena
Em que a alma se receia,

Daí remédio à minha pena,
Pois que morro em terra alheia.

FALA O MARQUÊS

- Senhor, por que vos queixais?
Quem vos tratou tal sorte,
E quem é o que tal morte
Vos deu, como publicais, que assaz é esta má sorte?
Não me negueis a verdade,
Contai-me vosso pesar,
Que vos prometo ajudar
Com toda a força e vontade.

DIZ VALDEVINOS

- Muito me agasta, amigo
Certamente teu tardar,
Dize se trazes contigo
Quem me haja de confessar?

DIZ O MARQUÊS

- Eu não sou quem vós cuidais:
Nunca comi vosso pão,
Mas vossos gritos e ais
Me trouxeram aonde estais
Mui movido a compaixão
Dizei-me vossa agonia,
Que, se remédio tiver,
Eu vos prometo fazer
Com que tenhais alegria.

DIZ VALDEVINOS

- Meu senhor, muitas mercês
Por vossa boa vontade!
Bem creio que me fareis
Muito mais do que direis,
Segundo vossa bondade,
Mas minha dor é mortal,
Meu remédio é só a morte,
Porque estou parado tal
Que nunca homem mortal
Foi tratado de tal sorte.
Tenho, senhor, vinte e duas
Feridas todas mortais,

As entranhas rotas nuas,
E passo penas tão cruas,
Que não poderão ser mais.
Há-me morto à traição
O filho do imperador,
Carloto, a gran' sem razão,
Mostrando-me todo amor,
Não tendo no coração.
Muitas vezes requeria
Minha esposa com maldade,
Mas ela não consentia
Pelo bem que me queria,
Por sua grande bondade.
Carloto com gran' pesar,
Como mais traidor que forte,
Ordenou de me matar,
Cuidando com minha morte
Com ela haver de casar.
Matou-me com gran' falsia,
Trazendo cinco consigo,
Sem eu trazer mais comigo
Que um pajem por companhia.
A mim clamam Valdevinos,
Sou filho el-rei de Dácia,
E primo el-rei de Grécia,
E do forte Montesinos,
Que é herdeiro de Dalmácia.
Dona Ermelinda formosa
Minha madre natural,
Sibila minha esposa
De graças especial,
Mas com primores famosa,
Esta nova contareis
À triste de minha madre
Que em Mântua achareis,
E ao honrado marqueis
Meu tio, irmão de meu padre

FALA O MARQUÊS

- oh desastrado viver,
Oh amargosa aventura,
Oh ventura sem prazer,
Prazer cheio de tristura,
tristura que não tem ser!
Oh desventurada sorte,
Oh sorte sem sofrimento,

Desemparedado tormento,
Muito pior do que a morte,
Morte de desabrimento!
Oh meu sobrinho, meu bem,
Minha esperança perdida,
Oh glória que me sustém,
Porque vós partis de quem
Sem vós não terá mais vida
Oh desventurado velho,
Cativo sem liberdade!
Quem pode me dar conselho,
Pois perdido é o espelho
De minha gran' claridade!
Oh minha luz verdadeira,
Trevas do meu coração,
Penas da minha paixão,
Cuidado que me marteira,
Tristeza de tal traição!
Porque não quereis falar
A este marquês coitado,
Que tio soeis chamar?
Falai-me, sobrinho amado,
Não me façais rebentar.

DIZ VALDEVINOS

- Meu tormento não molesto
Me faz não vos conhecer
Nem na fala, nem no gesto;
Nem entendo vosso dizer
Ser não for mais manifesto.
Estou tão posto no fim,
Que não sei se sou alguém,
Nem menos conheço a mim;
Pois quem não conhece a sim,
Mal conhecerá ninguém

DIZ O MARQUÊS

- Como não me conheceis,
Meu sobrinho Valdevinos?
Eu sou o triste marquês
Irmão de el-rei Dom Salinos,
Que era o pai que voz fez.
Eu sou o marquês em sorte,
Que devera rebentar
Chorando a vossa morte,

Por com a vida não ficar
Neste mundo sem de porte.
Oh triste mundo coitado,
Ninguém deve em ti fiar.
Pois és tão desventurado,
Que o que tens mais exaltado,
Mor queda lhes fazes dar!

FALA VALDEVINOS

- Perdoai-me, senhor tio,
A minha descortesia,
Que a minha grande agonia
Me pôs em tanto desvio,
Que já vos não conhecia.
Não me queirais mais chorar;
Deveis de considerar
Que para isso é o mundo.
Que dobrais meu mal profundo.
Para bem é mal passar:
E bem sabeis que nascemos
Para ir a esta jornada,
E que, quanto mais vivemos,
Maior ofensa fazemos
A quem criou de nada.
Assim que, necessidade
Não tendes de me chorar,
Pois que Deus me quis levar
No melhor de minha idade
Para mais me aproveitar.
Mas que haveis de fazer,
É por minha alma rogar
Porque o muito chorar
À alma não dá prazer
Mas antes, mui gran' pesar.
Quero vos encomendar
Minha esposa e minha madre
Pois que não tem outro padre
Que as haja de amparar,
Senão vós, como é verdade,
Mas o que me dá paixão
Em esta triste partida,
É morrer sem confissão;
Mas se parto dessa vida,
Deus receberá a tensão.

Vem o centurião e o pajem

DIZ O ERMITÃO

- A paz de Deus sempiterno
Seja convosco irmão!
Lembraí-vos de sua paixão
Que, por nos livrar do inferno,
Padeceu quanto varão.

DIZ VALDEVINOS

- Com coisa mais não folgara
do que vê-lo aqui chegado,
Padre de Deus enviado,
Que se um pouco mais tardara,
Não me acha neste estado.

FALA O PAJEM

- Oh que desastrada sorte,
Meu senhor Danes Ogeiro!
Olhai vosso escudo forte,
Olhai senhor, vosso herdeiro,
Em que extremo o pôs a morte!
Oh desditoso caminho,
Caça de tanto pesar,
Que cuidando de caçar,
A morte a vosso sobrinho
Vieste, senhor buscar.

DIZ O ERMITÃO

- A gran' pressa que trazia
Não me deu, senhor, lugar
De conhecer nem falar
À vossa gran' senhoria
Neste erro se há culpa,
Peço-lhe dela perdão,
Ainda que a discipção
Sua me dará desculpa.

FALA O MARQUÊS

- Rogai a Deus, padre honrado,
Que me queira dar paciência;
Que o perdão é escusado,
Porque vossa diligência

Vos não deixa ser culpado.

DIZ O ERMITÃO

- O filho de Deus enviado
vos mande consolação!
E pois que aqui sou chegado,
Quero ouvir de confissão
Este ferido e angustiado
Coisa é mui natural
A morte a toda pessoa,
A todo mundo em geral,
Pois a quem nenhum perdoa.
Não a tínhamos por mais,
Porque o pecado de Adão
Foi tão fero e de tal sorte,
Que não só foi perdição;
Mas Deus, que é salvação,
Quis também receber morte.
E portanto, meu filho,
Não se deve de espantar
Da morte que Deus lhe deu.
Pois em provimento seu
Lha deu para o salvar
Lembre-se da sua paixão:
Veja este mundo coitado,
E não ingode o malvado,
Que não dá por galardão
Senão tristeza e cuidado,
Enquanto, filho, tem vida,
Chame a Madre de Deus,
Aquela que foi nascida
Sem pecado concebida,
E coroada nos céus.
Esta foi santificada
E visitada dos anjos,
E em corpo e alma levada
À glória, onde exaltada
Lá está sobre os arcanjos.
Assim, que o Redentor
E este Virgem sem par
Se há-de, filho, encomendar
Depois que aos santos for
Sua vontade chamar.
As mãos levantes aos céus,
Faça confissão geral
Confessando-se à Deus

E à Virgem Celestial
E a todos os santos seus.

DIZ O MARQUÊS

- Oh bonância aborrecida,
Oh desterrada fortuna,
De prazeres gran' tribuna!
Porque não desamparais
A quem sois tão importuna?
Tristeza, desconfiança,
Porque não desesperais
A quem não tem confiança?
Contai-me, pajem, Burlor,
O caso como passou,
Quem foi aquele traidor
Que matou vosso senhor,
Ou por que causa o matou.

FALA O PAJEM

- Seria mui mal contado
se a sua gran' senhoria
não contasse o que é passado.
Eu sei certo que faria
O que não é esperado
Contra quem me deu estado,
E há feito tantas mercês
Que nunca meu pai me fez:
Que é meu senhor amado.
E mais vós, senhor marquês,
Estando, pois em Paris
O filho do Imperador,
Mandou chamar meu senhor
Nos passos da imperatriz:
Falaram muito a sabor;
O que falaram não sei,
Se não logo nessa hora,
E sem fazer mais demora,
Com quatro de trás de si,
Foram da cidade fora,
Armados secretamente,
Segundo depois ouvi.
Partimos todos daí,
E Dom Carloto presente,
Também amando ourossim.
E tanto que aqui chegaram,

Neste vale de pesar
Todos juntos se apearam
E fizeram-se ficar
C'os cavalos que deixaram.
E todos logo entraram
Em este esquivo lugar,
Onde meu senhor mataram,
E depois de o matar,
Nos cavalos se tornaram.
Como eu os vi tornar,
Sentindo muito tal dor,
Temendo de lhe falar
Não ousei de perguntar
Onde estava meu senhor.
Vendo-os assim caminhar,
Porque nenhum me falava,
Quis a meu senhor buscar,
Porque o coração me dava
Sobressaltos de pesar.
Não o podia topar
Porque a grande espessura
E a noite medrosa escura
Me fazia não o achar:
De que tinha gran' paixão,
Naquele lugar remoto
O achei desta feição.
Disse-me como à traição
O matara Dom Carloto.
Perguntei por que razão:
Triste, cheio de agonias,
Disse-me com afeição:
— «Vai-me buscar confissão,
Já se acabaram meus dias.»
Como tais novas ouvi,
Com grande tribulação
E pesar de vê-lo assim,
Me parti logo daqui
A buscar este ermitão.
Isto é, senhor, o que sei
Deste caso desastrado,
Quanto me há perguntado:
Outra coisa não direi
Mais do que lhei contado.

DIZ O MARQUÊS

- Quando sua majestade
Justiça me não fizer

Com toda a rigorida,
À força de meu poder
Cumprirei minha vontade.

DIZ O ERMITÃO

- Já o senhor se há confessado,
E fez actos de cristão;
Morre com tal contrição,
Que eu estou maravilhado
De sua gran' discrição.
Muito não pode tardar,
Segundo nele senti.
Acabei de lhe falar
Porque lhe quero rezar
Os salmos de el-rei David.

FALA VALDEVINOS

- Não tomeis, tio, pesar,
Que me parto de vos ver
Para nunca mais tornar,
Pois Deus me manda chamar
E não posso mais fazer.
Torno-vos a encomendar
Minha esposa e minha mãe,
Que as queirais consolar
E ambas as amparar,
Pois que não têm mais a quem.

ORAÇÃO DE VALDEVINOS

- Em as tuas mãos, Senhor,
Encomendo meu espírito;
Pois que és Salvador meu,
Meu deus e meu Redentor,
Não me falte favor teu:
Paz de nossa gran' discórdia,
Como Deus, que és de verdade,
Senhor de toda a piedade,
Lembra-te desta alma triste
Cheia de toda a maldade.
Salve, Senhora benigna,
Madre de misericórdia,
Paz de nosa gran' discórdia,
Dos pecadores mezinha,
Vida doce e concórdia,
Spes nostra, a ti invocamos,
Salva-nos da escura treva.

A ti, Senhora, chamamos
Desterrados filhos de Eva,
A ti, Virgem, suspiramos,
A ti, gemendo e chorando
Ern a queste lagrimoso
Vale sem nenhum repouso,
Sempre, Virge', a ti chamamos,
Que és nosso prazer e gozo.
Ora pois, nossa advogada,
Amparo da cristandade,
Volve os olhos de piedade
A mim, Virgem consagrada,
Pois que és nossa liberdade.
Dá-me, Senhora, virtude
Contra todos meus inimigos;
Pois que és nossa saúde,
Eu te rogo que me ajudes
Nos temores e perigos:
Roga tu por mim, Senhora,
Ó Santa Madre de Deus,
A quem a minha alma adora,
Pois és rainha dos céus
E dos anjos superiora.

Aqui expira Valdevinos e

DIZ O MARQUÊS

- Oh triste velho coitado,
Oh cãs cheias de tristura!
Oh doloroso cuidado,
Oh cuidado sem ventura,
Sem ventura desastrado!
Quebrem-se minhas entranhas,
Rompa-se meu coração
Com minha tribulação.
Chorem todas as campinas
Minha grande perdição,
'Scureça-se o sol com dó,
Caiam estrelas do céu,
As trevas de Faraó
Venham já sobre mim só.
Pois minha luz se perdeu
Na luz de mui claro dia,
Claridade sem clareza,
Minha doce companhia,
Onde está vossa alegria,
Onde me deixa tal tristeza?
Oh velhice desastrada,
Sem glória e sem prazer,
Para que me deixais ser,

Pois que sendo, não sou nada,
Nem desejo de viver?
Porque não vens, padecer,
Porque não vindes, tormentos,
Para que não sofrimentos
A quem os não quer já ter,
Nem busca contentamentos?
Para que quero razão,
Para que quero prudência,
Nem saber, nem discricção?
Para que é paciência,
Pois perdi consolação?

DIZ O PAJEM

- Ó meu senhor muito amado,
Porque vos tornastes pó?
Porque me deixastes só
Em este mundo coitado
Com tanta tristeza e dó?
Levareis-me em companhia,
Pois sempre vos tive, vivo.
Oh minha grande alegria,
Porque me deixais cativo,
Metido em tanta agonia?
Meu senhor, minha alegria,
Dizei porque nos deixais
Com tanta pena notória?
Lembraí-vos, tende memória
De quantos desemparais.
Oh sem ventura Burlor!
De quem serás amparado,
De quem terás o favor
Que tinhas de teu senhor,
Pois que já te há faltado?

FALA O ERMITÃO

- Não tomeis, filho pesar,
Pois claramente sabeis
Que pelo muito chorar
Não cobrais o que perdeis.
Deveis, filho, de cuidar
Que nossa vida é um vento
Tão ligeiro de passar,
Que passa em um momento
Por nós assim como o ar.
Quem viu senhor infante,
Tão pouco há, fazer guerra,
E ser nela tão possante,
E agora em um instante

Ser tornado escura terra,
Diria com gran' razão
Que este mundo coitado
Não dá outro galardão,
Senão tristeza e paixão,
Como a vós outros foi dado.
Olhai a el-rei Salomão
O galardão que lhe deu;
A Amão e Absalão,
E ao valente Sansão,
E ao forte Macabeu.
Em a Sacra Escritura
Muitos mais podia achar
Se os quisesse contar;
Mas vossa grande cordura
Suprirá donde faltar.
E pois que não tem já cura
O mal feito e o passado,
Cesse a vossa tristura,
E demos à sepultura
Este corpo já finado.
Levemo-lo onde convém
Para que seja enterrado;
E pode ser bem guardado
Naquela ermida que vêem
Até ser embalsemado.

*Aqui levam a Valdevinos à ermida.
E entra o imperador, o conde Ganalão, e*

DIZ O IMPERADOR

— Certo, onde Ganalão,
Muito gran' perda perdemos.
Pesa-me no coração,
Porque, na corte não temos
Reinaldos de Montalvão,
Nem o conde Dom Roldão,
Nem o marquês Oliveiros,
Nem o duque de Milão,
Nem o infante Gaifeiros,
Nem o forte Meredião.

DIZ O GANALÃO

— Muito alto imperador,
Muito estou maravilhado
Porque mostrais tal favor
A quem vos há desonrado
Com tanta ira e rigor,
Que, chamando-se Almansor,
Com o seu rosto mudado

Aquele falso traidor
Com mui grande desonor
Quis desonrar vosso estado:
Porquê, senhor, não sentis
Que este malvado ladrão
Vos prendeu de sua mão
Tomando-vos a Paris
Com muito grande traição?
Pondo-vos em Montalvão
Apesar do vosso império,
Onde com gran' vitupério
Estivestes em prisão,
Sem ter nenhum refrigério?

FALA O IMPERADOR

- Verdade é isso, cunhado:
Porém deveis de saber
Que em reinaldos me prender
Eu mesmo sou o culpado:
Isto bem o podeis crer.
Se então me quis ofender
Não é muita maravilha,
Pois já me quis guarnecer
Matando el-rei Carmeser,
Que me trouxe a sua filha.

DIZ GANALÃO

- Vossa real majestade
Dirá tudo o que quiser,
Mas eu quero a Beltrão...
Que se conheça a maldade
De quem se há-de conhecer.

*Aqui se vai Ganalão; e vêm dois embaixadores
mandados pelo marquês de Mântua,
chamados Dom Beltrão e duque
Amão: e virão vestidos de dó: e*

DIZ BELTRÃO

- Gran' César Octaviano,
Magno, Augusto, forte rei,
Grande imperador romano,
Amparo da nossa lei,
Poderosa majestade,
Senhor de toda a Magança,
Da Gasconha e da França
Gran' patrão da cristandade,
Esteio de segurança!
Pois sois senhor dos senhores,

Imperador dos cristãos,
Somos vossos servidores,
Amigos leais e sãos.

DIZ O IMPERADOR

- Eu me espanto, Dom Beltrão,
De vos ver daquela sorte,
E a vós, forte duque Amão:
Não é esta disposição
E traje da nossa corte.

FALA O DUQUE

- Muito mais será espantado
De nossa triste embaixada,
E do caso desastrado
O qual lhe será contado,
Se seguro nos é dado.

DIZ O IMPERADOR

- Bem o podeis explicar
Sem ter medo nem temor.
Para que é assegurar?
Pois sabeis que o embaixador
Tem licença de falar.

DIZ O DUQUE À EMBAIXADA

- Quis, senhor, nossa mofina
Que o infante Valdevinos,
Primo do forte Guarinos,
Filho da linda Ermelinda
E do grande rei Salinos,
Fosse morto à traição
Na floresta sem ventura.
A tão grande desventura
Haverá quem não procure
De vingar tal perdição?

FALA O IMPERADOR

- É certa tão gran' maldade,
Que o sobrinho do marquês
É morto, como dizeis?

DIZ O DUQUE

- Pela maior falsidade
Que nunca ninguém tal fez.

DIZ O IMPERADOR

- Este caso é desastrado:
Saibamos como passou
E quem tão mal feito obrou:
Que o que tal senhor matou,
Merece bem castigado.

FALA O DUQUE

- Saiba vossa majestade
Que dez dias pode haver
Que o marquês foi à cidade
De Mântua com gran' vontade
À caça que soi fazer.
Andando assim a caçar,
Da companhia perdido
Foi por ventura topar
Com seu sobrinho ferido
Quase a ponto de expirar.
Bem pode considerar
O gran' pesar que teria
De se ver sem companhia,
E a morrer em tal lugar
A coisa que mais queria.
Perguntando a razão,
Sendo dela mui ignoto,
Disse com grande paixão
Que o matara à traição
Vosso filho Dom Carloto.
A causa que o moveu
Dar morte tão dolorosa
A tão grande amigo seu,
Não foi outra, senhor meu,
Salvo tomar-lhe a esposa.
Matou-o à falsa fé,
Indo muito bem armado,
Com quatro homens de pé.
Quem mata tão sem porquê
Merece bem castigado.
O marquês Danes Ogeiro
Lhe manda pedir, senhor,
Justiça mui por inteiro:
Que ainda que perca herdeiro
Ele perde sucessor.

DIZ DOM BELTRÃO

— Não deve deixar passar
Tão gran' mal sem o prover,
Porque deve de cuidar
Se seu filho nos matar,
Quem nos deve defender?
E mais lhe faço saber
Porque esteja aparelhado,

Se justiça não fizer,
Que o marquês tem jurado
De por armas a fazer.
O mui valente e temido
Reinaldo de Montalvão
Entre todos escolhido
Está bem apercebido
Como geral capitão.
Dom Crisão e Aguilante
Com o forte Dom Guarinos,
E o valente Montesinos,
Primo do morto infante,
Primo de el-rei Dom Salinos,
E o mui grande rei Jaião,
De Dom Reinaldos cunhado,
E o esforçado Dudão,
E o gran' duque de Milão,
E Dom Richarte esforçado;
O marquês Dom Oliveiros,
E o famoso Durandarte,
E o infante Dom Gaifeiros,
E o muito forte Ricardo,
E outros fortes cavaleiros,
Todos têm boa vontade
De ajudar ao marquês
Em essa necessidade;
Porque foi gran' crueldade
A que vosso filho fez
Evitai, senhor, tal dano,
Pois que sois juiz sem par;
Não vos mostreis inumano,
Acordai-vos de Trajano
Em a justiça guardar.
Assim que, alto, esclarecido,
Poderoso sem igual,
O que fez tão grande mal
Bem merece ser punido
Por seu mandado imperial.
E pois, senhor, hei proposto
A causa por que viemos,
E sabeis o que queremos,
Mandai-nos dar a resposta
Com que ao marquês tornemos.

DIZ O IMPERADOR

— Oh poderoso Senhor,
Que grande é o vosso mistério!
Pois para meu vitupério
Me deste tal sucessor
Que desonrasse este império.
Se o que dizeis é verdade,
Como creio que será,

Nunca rei na cristandade
Fez tão grande crueldade
Como por mim se verá.
Por minha coroa juro
De cumprir e de mandar
Tudo que digo e procuro.
Ao marquês podeis dizer
Que ele pode vir seguro,
E todos quantos tiver,
Venham de guerra ou de paz,
Assim como ele quiser.
E pois que justiça quer,
Com ela muito me praz

ENTRA DOM CARLOTO, E DIZ

— Bem sei que com gran' paixão
Está vossa majestade
Pela falsa informação
Que de mim, contra razão,
Deram com gran' falsidade.
Porque um filho de tal home
E tão grande geração
Não deve sujar seu nome
Em caso tal de traição.
Por vida de minha madre,
Que se tão gran' desonor
Não castigar com rigor,
Que me será cruel padre,
Não direito julgador.

DIZ O IMPERADOR

- Não vos queirais desculpar
Pois que tendes tanta culpa,
Que se o mundo vos desculpa,
Não vos hei-de eu desculpar.
E portanto mando logo
Que estejais posto a recado
Até ser determinado,
Por conselho do meu povo,
Se sois livre ou condenado.
Mando que sejais levado
À minha gran' fortaleza,
E que lá sejais guardado
De cem homens do estado,
Até saber a certeza.

FALA DOM CARLOTO

- E como, senhor, não quer
Vossa real majestade
Saber primeiro a verdade,

Senão mandar me prender
Por tão grande falsidade?

DIZ O IMPERADOR

- Não vos quero mais ouvir,
Levem-no logo à prisão
Onde eu o mando ir;
Porque tão grande traição
Não é para consentir.
Vós outros podeis tornar,
E contar-lhe o que é passado
A quem vos cá quis mandar;
Que o seguro que lhe hei dado,
Eu o torno a afirmar.

AQUI VEM A IMPERATRIZ E DIZ

- Eu muito me maravilho
De vossa grande bondade:
Que sem razão nem verdade
Tratais assim vosso filho
Com tão grande crueldade.
Olhe vossa majestade
Que é herdeiro principal,
E que toda a cristandade
Lho há-de ter muito a mal.

DIZ O IMPERADOR

- A mim, senhora, convém
Ser contra toda a traição:
E se vosso filho a tem
Castigá-lo-ei muito bem:
E essa é minha tenção.
E mais eu vos certifico
Que com direito e rigor
Hei-de castigar o iníquo,
Ora seja pobre ou rico,
Ou servo ou gran' senhor.

FALA A IMPERATRIZ

- Como quer vossa grandeza
Infamar o nosso estado
Sem causa, com tal crueza?

DIZ O IMPERADOR

- Quem me cá madou recado
Não foi senão com certeza.

DIZ A IMPERATRIZ

- Por tal recado, senhor,
Quereis tratar de tal sorte
Vosso filho e sucessor,
Que depois de vossa morte
Há-de ser imperador?

FALA O IMPERADOR

- Em eu o mandar prender
Não cuideis que o maltrato.
Mas se ele o merecer,
Eu espero de fazer
A justiça do trocado;
Porque pai tão poderoso,
Sendo de tantos caudilhos,
Senão for tão rigoroso,
Nem ele será bom filho,
Nem será rei justo.
Que agora, mal pecado!
Nenhum rei nem julgador
Faz justiça do maior;
Mas antes é desprezado
O pequeno com rigor.
Todo o mundo é afeiçoado;
Julgam com rara remissa
O nobre que, sem razão
Alguma, tem opinião
De lhe tocar a justiça...
Que conta posso eu dar
Ao Senhor dos altos céus,
Se a meu filho não julgar
Como outro qualquer dos meus?
Assim que escusado é
Buscar este intercessor;
Porque Deus de Nazaré
Não me fez tão gran' senhor
Para minha alma perder.

DIZ A IMPERATRIZ

Ai triste de mim coitada!
Para que quero viver,
Pois que sempre hei-de ser
Do meu filho tão penada
Como uma triste mulher?
Pois tão triste hei-de ser
Por meu filho muito amado,
Nunca tomarei prazer,
Senão tristeza e cuidado.

DIZ O IMPERADOR

- Não façais tantos extremos,
Pois dizeis que tem desculpa,

Que antes que sentença demos,
Primeiro todo veremos
Se tem culpa ou não tem culpa.
Mostrarei maior sofrimento,
Que o caso é desastrado;
E ivos a vosso aposento,
Que ele não será culpado.

*Aqui se vai a imperatriz; e vem a mãe
e esposa de Veldevinos, e*

DIZ A MÃE

- Oh coração lastimado,
Mais triste que a noite escura!
Oh dolorosa tristura,
Cuidado desesperado
E fortunosa ventura!
Oh vida da minha vida,
Alma deste corpo meu!
Oh desditosa perdida,
Oh sem ventura nascida,
A mais que nunca nasceu!
oh filho meu muito amado,
Minha doce companhia,
Meu prazer, minha alegria,
Minha tristeza e cuidado,
Minha sab' rosa lembrança,
Que sereis eu sem vos ver?
Filho de minha alegria,
Oh meu descanso e prazer,
Porque me deixais viver
Vida com tanta agonia?
Adonde vos acharei,
Consolo de meu pesar?
Onde vos irei buscar,
Pois que perdido vos hei
Para jamais vos cobrar?
Filho desta alma mesquinha,
Dos meus olhos claridade,
Onde estais, minhamezinha,
Filho de minha saudade,
Meu prazer a vida minha?

DIZ A ESPOSA POR NOME SIBILA

- Que é de vós, meu coração,
Que é da minha liberdade,
Espelho da cristandade,
Quem vos matou sem razão
Com tão grande crueldade?
Quem vos apartou de mim,
Meu querido e meu esposo?
Oh meu prazer saudoso,

Porque me deixais assim
Com cuidado mui penoso?
Oh minha triste saudade,
Oh meu esposo e senhor,
Minha alegria e vontade,
Escudo da cristandade,
Das tristes consolador!
Que farei pobre coitada,
Mais que nenhuma nascida?
Miserável, angustiada,
Para que quero ter vida,
Pois minha alma é apartada?
Oh fortuna variável,
Triste, cruel, matadora,
De prazeres roubadora,
Inimiga perdurável,
Mata-me se que's agora.

DIZ ERMELINDA AO IMPERADOR

- Se vossa gran' majestade
Não der castigo direito
A quem tanto mal há feito,
Nem sustentar a verdade,
Não será juiz perfeito.
Não olhe vossa grandeza
Sua madre dolorosa,
Nem sua tanta tristeza;
Mas olhe tão gran' princesa
Como esta sua esposa.

FALA O IMPERADOR

- Faz-se tanto entristecer
Este tão gran' vitupério,
Que mais quisera perder
Juntamente meu império,
Que tal meu filho fazer.
Mas se a verdade assim é,
Como já sou informado,
Que tal castigo lhe dê
Que seja bem castigado.

DIZ SIBILA

- Seja justiça guardada
A esta órfã sem marido.
Viúva desamparada,
Tão triste e desconsolada
Mais que quantas tem nascido.
Olhai, senhor, tão gran' mal
Como vosso filho há feito,
E não queirais ter respeito
Ao amor paternal,

Pois que não é por direito.

FALA O IMPERADOR

- Senhora, não duvideis,
Que eu farei o que hei jurado,
Se é verdade o que dizeis,
Porque cumpre a meu estado
De fazer o que quereis:
Que mais quero ter comigo
Fama de rigoridade,
Que deixar de ter castigo,
Quem cometeu tal maldade.
Para que é ser caudilho
De tanto povo e tão grado,
E imperador chamado,
Senão julgasse meu filho
Como qualquer estragado?
Não cuidem duques nem reis
Que, por meu herdeiro ser,
Que por isso há-de viver:
Que aquele que faz as leis
É obrigado a as manter.
Assim que, por bem querer,
Amizade nem respeito,
Como agora soem fazer,
Não hei-de negar direito
A quem direito tiver.
E bem vos podeis tornar,
Fazei certo o que dissestes
E não tomeis tal pesar,
Porque o bem que já perdestes
Não o cobrais com chorar.

DIZ ERMELINDA

- Senhor, nós outras nos pomos
Em mãos da vossa grandeza:
Olhai bem, senhor, quem somos,
E de que linhagem fomos,
Pois Deus nos deu tal nobreza.

DIZ SIBILA

- Olhai os serviços dignos
Que tanto tempo vos fez
Meu esposo Valdevinos,
Também seu tio marquês,
E como foram continos.

*Aqui se vai Ermelinda e Sibila; e virá Reinaldos
com uma carta que tomaram a um pajem
de Dom Carloto, e*

DIZ REINALDOS DE MONTALVÃO

- O sumo rei dos senhores,
Que morreu crucificado
Em poder dos fariseus,
Acrescente vosso estado
E vos livre se traidores.

FALA O IMPERADOR

- Mui valente e esforçado
Reinaldos de Montalvão,
Vós sejais tão bem chegado
Como a senhora no verão.
Muito estou maravilhado
Invencível e mui forte,
De ver-vos assim armado,
Sabendo que em minha corte
Nunca fostes maltratado.

FALA REINALDOS

- Senhor, não seja espantado
De ver-me assim desta sorte,
Porque com todo o cuidado
Ganalão, vosso cunhado,
Sempre me procura a morte.
Bem sabeis que sem razão,
Com vontade mui maligna
Fez matar com gran' traição
A Tiranes e Erocina,
E ao feito Salião,
E a mim já quis matar
Muitas vezes com maldade;
E para mais me danar,
Fez à sua majestade
Mil vezes me desterrar.
O grande mal que me quer
De todo o mundo é sabido,
E por isso quis trazer
Armas para ofender,
Antes que ser ofendido.
Mas deixando isto assim
Guardado p'ra seu lugar,
Onde se há-de vingar,
Vos quero, senhor, contar.
Notório a todo o cristão
É o pesar lastimoso
Do marquês Danes Ogeiro,
Que tem, com justa razão,
Pela morte do herdeiro.
Nesta nobre corte estão
Muitos mui nobres senhores
Que sabem que Dom Beltrão

E o nobre duque Amão
Foram seus embaixadores:
Também este é sabedor
Das respostas que lhe destes,
E mais de como prendestes
Vosso filho sucessor.
Do qual está mui contente
De tê-lo posto em prisão;
E tem mui grande razão,
Porque na carta presente,
A qual fez da sua mão,
Confessa toda a traição.
E um pajem a levava
Para o conde Dom Roldão,
Que na cidade de Boava
Faz a sua habitação.
E como não há falsia
Que se possa esconder,
Tinha o marquês espia,
Porque queria saber
O que Dom Roldão faria.
Esse pajem embuçado,
Sem suspeita e sem revés,
Ia mui determinado:
Onde logo foi tomado
E levado ao marquês.
Lendo a carta Dom Guarinos,
Nela contava a tenção
Porque o matara à traição.
Isto é, senhor, a verdade,
E o que voz manda dizer:
Se o que digo é falsidade,
(Que por isso a quis trazer)
A letra é bom conhecer,
Que é este o seu sinal.
Pois quem fez tão grande mal
Bem merece padecer
Morte justa corporal.

DIZ O IMPERADOR

- Se tal a carta disser,
Não se há mister mais provar,
Nem mais certeza fazer,
Senão logo executar
A pena que merecer.
E portanto, sem deter,
Leia-se publicamente
Ante esta nobre gente;
Porque todos possam ver
Vossa verdade evidente.

CARTA DE DOM CARLOTO A DOM ROLDÃO

- Caudilho de gran' poder,
Capitão da cristandade,
Esta vos quis escrever,
Para vos fazer saber
Minha gran' necessidade.
Porque o verdadeiro amigo
Há-de ser no coração,
Assim como fiel irmão,
E não há-de temer p'riço
Por salvar quem tem razão.
Porque sabereis, senhor
Que me sinto mui culpado,
Como quem foi matador;
E temo ser condenado
De meu padre imperador.
Eu confesso que pequei,
Pois com vontade danosa
A Valdevinos matei.
Amor me fez com que errei,
E o primor de sua esposa.
O imperador, meu padre,
Me mandou preso guardar,
E nunca quis atentar,
Os rogos de minha madre.
A ninguém quer escutar,
E o marquês tem jurado
De não vestir nem calçar,
Nem entrar em povoado,
Até me ver justiça.
Tenho por acusadores,
Reinaldos de Montalvão,
E seu padre o duque Amão
E muitos grandes senhores;
O gran' duque de Milão
Com o forte Montesinos,
Que é primo de Valdevinos.
Assim que todos me são
Acusadores contínuos.
Pois tantos contra mim são,
Eu vos rogo, como amigo,
Que vós queirais ser comigo;
Porque, tenho Dom Roldão,
Não temo nenhum perigo.

DIZ O IMPERADOR

- Antes que algum mal cresça,
Façamos o que devemos.
Pois o sinal conhecemos,
E pois vemos que confessa,
Demais provas não curemos,
Nem vos façais mais detença.

E, pois já tem licença,
Podeis dizer ao Marques
Que venha ouvir a sentença.

*Ir-se á Dom Reinaldos, e vem a imperatriz
vestida de dó, e*

DIZ O IMPERADOR

- Senhora, já não dirão
Que fui eu mal informado,
Nem que o prendo sem razão,
Pois por sua confissão
Vosso filho é condenado.
Vedes a carta presente,
Que foi feita de sua mão
Para o conde Dom Roldão:
A qual muito largamente
Declara toda a traição.

DIZ A IMPERATRIZ

- Eu muito me maravilho
Do que, senhor, me há contato;
Mas, pois ele há confessado,
Melhor é morrer o filho
Que desonrar o estado.
Mas a dor do coração
Sempre me há de ficar...
Peço-lhe com afeição
Que lhr busque salvação
E que o queira escutar.

DIZ O IMPERADOR

- Melhor é que o sucessor
Padeça morte sentida,
Que ficar o pai traidor:
Que será trocar honor,
Pela desonra nascida.
Também eu padeço dor,
Também eu sinto paixão,
Também eu lhe tenho amor...
Mas antes quero razão,
Que amizade sem favor.

DIZ A IMPERATRIZ

- Pois que não pode escapar,
Eu não consinto nem quero
Que vos o hajais de julgar,
Porque vos pode chamar
Muito mais pior que Nero.

DIZ O IMPERADOR

Não vivais em tal engano,
Que também foram caudilhos
O gran ' trocado, o trajano;
E quiseram, com gan 'dano,
Ambos justificar seus filhos.
Pois que menos farei eu,
Tendo tão grande estado?
Quem é com razão culpado
Em maior caso que o seu?
E portanto eu vos rogo.
Que não tomeis tal pesar,
Porque com vos enojar
Dar-se gran' tristeza ao povo.

DIZ A IMPERATRIZ

Eu cumprirei seu mandado,
Porque vejo que é razão;
Mas sempre meu coração
Terá tristeza e cuidado
E grande tribulação.

*Aqui se vai a imperatriz: e vem o marques de Mantua
vestido de dó, e*

DIZ O MARQUÊS

Bem parece, alto o senhor,
Que vos fez Deus sem segundo,
E de todos superior,
Dos maiores o melhor,
Rei e monarca do mundo.
Porque vos, senhor, sois tal,
Que com razão e verdade
Sustentais a cristandade
Em justiça universal.
A qual para salvação
Vos é muito necessária,

Porque convém ao cristão
Que use mais de razão
Que de afeição voluntária:
Como faz vossa grandeza
Com seu filho sucessor.
Assim que, digo, senhor,
Que estima mais a nobreza
Que amizade nem favor.

FALA O IMPERADOR

Não curemos de falar
Em coisa tão conhecida;
Porque nesta breve vida
Havemos de procurar
Pela eterna e comprida.
Para sentir gran' pesar
Vos tendes razão infinda,
E também de vos vingar,
Pois foi justa vossa vida.
Bem vimos vossa embaixada,
Ea causa dela proposta
Foi de nos mui bem olhada,
E não menos foi mandada
Mui convencível resposta.
E vimos a vosa tenção,
E soubemos vosso voto,
E vemos tendes razão
Pela grande informação
Do príncipe Dom Carloto.
E vimos a confissão
De Dom Carloto também,
E soubemos a traição,
Como na carta contém,
Que mandava a Dom Roldão.
De tudo certificado,
Eu condeno a Dom Carloto
Em tudo que hei mandado.

VEM UM PAJEM DA IMPERATRIZ DIZENDO

A imperatriz, senhor,
Esta tão amortecida
De grande paixão e dor
Que não tem pulso nem dor,
Nem nenhum sinal de vida.
Nenhum remédio lhe vem;

Esta nesse padecer
Sem lhe podermos valer:
Porque assaz é castigado
Mui pouco há - de viver.

DIZ O IMPERADOR

Eu muito me maravilho
De sua gran' discríção;
Mas sinto sua paixão,
Que a morte de meu filho...
Não te quero mais dizer,
Quero a ir consolar.
Pois tanto lhe faz mister.
Não sei porque é enojar
Por se justiça fazer!

*Aqui se vai o imperador; e virá Reinaldos com o algoz
o qual trará a cabeça de Dom Carloto, e*

DIZ REINALDOS

J' agora, senhor marques,
Vos podeis chamar vingado,
Porque assaz é castigado
O que tanto mal vos fez,
Pois que morreu degolado.
Fazei por vos alegrar,
Daí graças ao redentor,
Pois assim vos quis vingar,
Sem nenhum de nos p'rigar
E com mais vosso valor.

Apêndice

Como natural apêndice e ilustração aos dois precedentes livros, transcreverei aqui a tradução inglesa de alguns romances do primeiro, que o meu amigo Sir John Adamson publicou no segundo volume da sua *Lusitania Illustrata*¹⁴⁰.

E aproveito esta ocasião para agradecer publicamente ao ilustre biógrafo de Camões a distinta honra que me fez associando o meu humilde nome ao do mais célebre homem de Estado de Portugal, o lamentado Duque de Palmela, quando nos dedicou os dois primeiros volumes daquela sua estimada colecção.

A versão inglesa tem o raro merecimento de ser em extremo fiel e quase literal, sacrificando muitas vezes a própria elegância da linguagem à exacção do pensamento e até da própria frase.

¹⁴⁰ *Lusitania Illustrata*, Part the second Newcastle-upon-Tyne, 1846.

THE NIGHT OF ST. JOHN

«Night reigns o'er Earth and Air
O St. John, my St. John,
Ere fated hour speed on,
Rear thou my prayer!

Rear me thou blessed Saint!
Christian Saint, hear my prayer,
Tho' my faith Moslcm were,
Thine without taint.

Far from Mohammed gone,
Alkoran nought to me,
I bow my heart to thee,
Saint of Dom John!

As I consume this plant
In the fire made to thee,
Love glows anew in me -
Hear my heart pant!

As burns this plant on floor
In the fire lit for thee,
So let the black beard be
Of threatening Moor!

As burns the kindling light
This thy devoted flow'r
So may Love's genial pow'r
Kindle my knight!

From height of heav'n amain
Scatter the garlands gay
That in this Love spell may
Spring forth again -

Marvellous falling dews
That cure Love's burning grief,
My Saint! their cooll relief
Do not refuse!

Saint! whom soft pities move,
O St. John, my St. John,

«Ere glide this blest night on
Bring me my love!»

No more the fire you see -
Hush'd is the gushing pray'r
Yet still the maiden there
Bends on the knee.

Upraised her anxious eye
While throbs the glowing breast
Where Faith and Meekness rest
With Purity.

Kindly the Saint look'd on,
And by his fav'ring aid
Blooms now that happy maid
Bride of Dom John !

ROSALINDA

It was the early morn of May Day,
 When the song birds wake the grove,
And teeming trees and opening flowers,
 Own the glow of kindling love;

It was the early morn of May Day
 On the fresh bank of the wave
Sat the Infanta Rosalinda
 Bent her flowing locks to lave.

Flowers they bring her red and rosy,
 Flowers they bring her virgin white -
But on a blossom soft as she is
 Questing eye may never light.

Softer far is Rosalindo
 Than the rose that decks the thorn -
Purer than the purest lily
 That opes to weep at dewy morn

The Count High-Admiral passed by her
 In his galley of the sea -
On each side so many rowers
 Told aright they may not be.

Of the captive bands who row'd it -
 All from Afric's bosom torn -
Some were proud and mighty nobles
 Some of kingly blood were born.

Betwixt Ceuta and Gibraltar
 If one Moor in safety be,
Ill at ease the Lord Count saileth
 In his galley of the sea.

O! how gentle glides the galley
 Answering well the guiding oar -
More gentle still he who commands it,
 Skill'd to leave or gain the shore.

- «Count Lord Admiral tell me truly
 From your galley of the sea,

If the captives that you conquer
All to row compelled be?

- «Fair Infanta! tell me truly
Without equal, Rose so fair!
The many slaves that gladly tend thee
Tire they all thy flowing hair?»

- «Art thou courteous, Count! so lordly
Asking thus - not answering me?»

- «Answer thou, and I will answer,
To me thou must not silent be.

Of the slaves who round me muster,
Each the allotted task doth know;
Some aloft the sails to manage,
Some upon the bench to row.

The lady captives soft and gentle
Twine on deck the mazy dance
Deftly wearing flowery carpets,
Couch for Lord in dreamy trance.»

- «Thou'st answer'd, and I answer thee -
For good the law that bids re-pay.
I have slaves for every purpose
Slaves who all my will obey.

Some to fit my varied vestments
Some to tire my flowing hair
For one I keep another office,
But him my toils must yet ensnare !

- «Re's ta'en-he's thine! So fully captur'd
That ne'er would he be ransom'd more!
Pull to the land - the land, ye vassals,
And drive the galley high ashore!»

Then sweet with fairest Rosalinda
And noble. Count the moments sped -
While orange groves her form o'ershadow'd
And flowrets garlanded her head.

But crabbed fate, that will not suffer
Any god without allay,
Led the steps of the king's huntsman,
As he roam'd to walk that way.

- «What thine eyes have seen, o huntsman!
Huntsman! pritheee do not tell.
Purses fill'd with gold I give thee,
As much as thou can carry well.»

All the royal huntsman witness'd
Did he to the King malte known,
On study bent in private closet
Thoughtful sitting and alone.

- Whisper low the news yon bring me,
And we give thee guerdon rare;
Raise on high thy voice to sound it,
And we hang thee high in air

To arms - to arms, my faithful Archers,
Without the rousing war-pipes sound,
My Cavaliers, and trusty foot-men,
Haste the grove to circle round! »

It is not yet the glow of mid-day,
Loud and long the bell doth boom!
It is not yet the gloom of midnight,
Walk they both to meet their doom!

To the sound of Ave -Marias,
Both are tomb'd in solemn state;
She before the altar holy,
He beneath the western gate.

Soon the grave of Rosalinda,
Did a Royal tree discJose,
Soon the grave of Count so noble
Show'd a bed of softest rose.

When the Monarch heard the marvels.
Quick he bade them both destroy,
Giving to the ruthless flame each
Record of departed joy.

The trees they cut, and roses scatter,
Still the emblems thrive again;
E'en as the air which them embracing
Feeleth neither wound nor pain.

The King when be was told the story
Ceased he to speak for aye,

And when the Queen the wonder heard
Moan'd she thus her dying lay:

- «Call me not Queen! - a Queen no longer,
She who such dread deed hath done!
Two spotless souls I've rent asunder,
Whom heav'n would fain have joined in one!»

GREEN VINE LEAVES; OR,
THE KING'S SLIPPER

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
There found I grapes both fine and sweet;
So ripe are they - so highly colour'd -
They are saying «come and eat. »

- «I wish to know who 'tis that guards
Haste, Mordomo! haste and know»
Says the King to his Mordomo,
But why did the king say so?

Because the king saw in that mountain,
How saw he her I do not know -
That incomparable Dona...
My reading does not tell me know.

Who to her sorrow is a Countess,
Countess she of Valderey:
Rather would she, by my halidom,
Rather - a poor peasant be.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
Grapes which the king will go to greet:
So ripe are they, so highly colour'd,
They are saying «come and eat.»

*

Comes the Mordomo from the mountain:
- «Best of news to you I bring;
Though the vineyard is well guarded,
Yet have I enter'd, Senhor King!

«The owner is in other countries,
When comes he back, I cannot say;
The gate is old - the yielding portress
To key of gold gave ready way:

«To a wonder that key serv'd me;
All was soon adjusted so,
That this eve at hour of midnight.
With you I'll to the vintage go.»

- «You're worth a kingdom» - my Mordoma!
Grand reward I'll make to thee.
This eve then, at the hour of midnight
Rich grapes shall be eat by me.»

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
More grapes than I before did meet:
So beautiful and so ripe are they,
They are saying «come and eat.»

*

In the dead of the midnight hour
Went the Mordomo-went the king -
Of doblas to the portress giv'n,
Tis not for me the account to sing.

- «Mordomo! stay you at the portal,
The portal where I enter in,
Let not guard - dogs with me grapple,
Whil'st the grapes I'm gathering.»

The portress now to meet his wish,
Exchange for what he gave doth bring:
At the chamber of the Countess
Behold there entereth the king.

She bore a lamp both rich and massy,
It was of silver, I could see.
Nought but of silver or of gold
Is in the house of Valderrey.

The fresh green leaves are in the vineyard,
The grapes in it are ripe and sweet:
So beautiful - so warmly colour'd -
Ah me! of them when shall I eat?

*

All in the chamber of the Countess
Gold was with silver suited well,
It was the Heav'n of that Angel,
No more hath my poor tongue to tell.

Rich silks were there of Millan,
The towels were of Courtenay;

The King he trembled - if from terror
Or from good faith, I cannot say.

Green silk curtains hung before him,
Still he ne'er essay'd to raise;
The vision bright I may not sing,
That daunted thus his baffled gaze.

It was a thing so passing lovely",
What more to say I do not ween.
Dainties other such as this,
You may not see, nor have I seen.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
Saw I there grapes ripe and sweet:
So beautiful and so ripe are they -
They are saying «come and eat.»

Slept she there so undisturb'd
As I in heav'n above shall sleep -
Jesus! when I find thee there,
If innocent thy law I keep.

On his knees then all the night
Good did the King ill thought withstand;
Gazing, wond'ring thus to see her,
Without moving foot or hand.

And thus he said - «Oh God, my sire!
Pardon what I ask'd before:
This angel here so pure and bright
It is not I will injure her».

The vineyard hath fresh green leaves in it,
Grapes found I in it ripe and sweet;
But I fear to tamper with them...
Ah! of them I will not eat.

Now came on the shining morrow,
Then it was, as goes the tale,
The Mordomo a whistle heard:
- «Jesus Lord, now me avail !»

This was the appointed signal
The mode the Count was us'd to take -
The king did not the curtains draw
Saying: «I will not vintage make.»

Beautiful green leaves hath the vineyard,
In it I found grapes lovely sweet;
But my conscience inward grieves me,
Grapes like these I will not eat.

Mordomo ran with rapid vigour
In order that the king may flee.
- «Alas a slipper I have lost.»
- «Take one of mine I give to thee.»

They fled, but in another instant
Since the whistle they did hear,
Descends the Count from off the mountain.
- «If he shall catch us, woe and fear!»

One fear'barass'd the Mordomo,
Other fear assail'd the King:
Which of them had reason greater,
Soon unto you will I sing.

Green leaves saw ill the vineyard,
Grapes quite ripe and richly sweet;
But, by his tender conscience guarded,
Quoth the King: - «I will not eat»

Seeketh now the Count his tower,
The valiant Count of Valderey;
He lit upon the broider'd slipper...
How it chanc'd I cannot say.

To the chamber of the Countess
Goes he... Will he strike the blow?
Serenely sleeping doth he see her:
- «Jesus! I know not what to do.»

In disorder is the household...
- «God have me in his holy keep!
Either witch must be this woman,
Or this same slipper mock'd my sleep.»

«The slipper which I have before me,
The slipper it bespeaks no good:
Who could think that she could slumber
In so pure and gentle mood.»

Wild the doubts that rise within him:
- «Help me Heaven! with guiding light,

Baffling madness lours round
Forbids me see my path aright.

Oh! my vineyard so well guarded!
The precious grapes which there I left...
Where is the fruit on which I counted?
Tell me of which I am bel'eft?»

Straight the Count himself imprison'd
In highest tower of Valderey:
- «Ne'er shall bread assuage my hunger,
Ne'er shall wine my thirst allay.

Beard and hair grown rough and ragged,
Care from me shall ne'er receive;
Till the truth be plain before me,
Ne'er will I this refuge leave.

Oh! ye green leaves of the vineyard
Grapes that I no more may taste!
Quickly may ye pine and wither,
Quickly pine like me and waste»

*

Thrice the sun hath sunk and ris'n,
Still groaning thus he lonely sate,
While faithful Countess grieving utter'd:
«How shall I soothe his mournful state?»

Whither may she flee for succour?
Who shall aid and solace bring?
Innocence may challenge pity...
Where shall she wend? Unto the King!

- «That I some remedy may find thee,
Faithful Countess, quickly go:
The secret of his sad affliction
Be't mine or here or there to know.

On leal word of Cavaleiro
Troth and faith I plight to thee,
Pure you shall be found and spotless,
Or I myself shall recreant be.»

Oh! the green leaves of the Vine tree!
Grapes I sought with eager haste!

To the soul their beauty touch' me,
Bloom so pure I dar'd not taste.

*

Quickly thence the Countess hurried:
The king, he did not tarry more.
What they say I wish to hear,
So will I listen at the door.

Hist! - A voice of heavenly sweetless
Steals upon his ravished ears -
While this sad plaint the mourner sang
Mocking music of the spheres.

- «Once I was a Vine well guarded,
Taught by tending Love to grow:
Now I lack that fost'ring nurture...
Why - I scarce dare ask to know.»

Then shone out the Royal goodness...
Tears of pity dimm'd his eye:
- «Quick of the other side inform me,
That the truth I may descry.»

- «My fresh vineyard so well guarded,
When I enter'd it again,
Trace of plundering thief I noted...
What he stole I ask in vain.»

Ceased the Count o'erwhelm'd with sorrow,
But then laughing said the King:
(Whether at self or at the mourner
Aim'd that laugh, I cannot sing.)

- «Twas I who did the vineyard enter,
Of plundering thief I left the trace;
Grapes I saw - but Heav'n so save me -
Not a grape did I displace. »

*

A fracture was there in the portal
The slipper from his foot he tore:
- «Need'st thou proof? behold it here.»
Its fellow from within he bore.

Of the joy that followed after
Little need I more impart,
Glad the Count the truth admitted,
And the King play'd the kingly part.

Fresh green leaves hath the vineyal'd,
Richest grapes were those I saw;
It was fear that kept them safely,
Fear of God and of his law.

Em continuação do apêndice, aqui junto igualmente, para ilustração do romance IX deste livro que leva por título *Reginaldo*¹⁴¹ as duas lições castelhanas que dele aparecem agora na última recente edição do *Romancero* de Duran.

Na introdução àquele romance disse eu que ele não aparecia nas colecções castelhanas, porque em nenhuma das anteriores a esta de 1849-51 o tinha podido encontrar.

Essa parte do texto, assim como a nota correspondente¹⁴² precisam pois desta correcção.

¹⁴¹ Romance IX, tom. II, pág. 195.

¹⁴² Nota G, tom. II, pág. 337.

GERINELDO

I

Levantóse Gerineldo
Que ai l'ey dejara dormido:
Fuese para la infanta
Donde estaba en el castillo.
- Abráisme, dijo, señora,
Abráisme, cuerpo garrido,
- ¿Quién sois vos, el caballero,
Qué liam ais á mi postigo?
- Gerineldo soy, señora,
Vuestro tan querido amigo -
Tomárala por la mano
En un lecho la ha metido,
Y besando y abrazando
Gerineldo se ha dormido.
Recordado había el rey
De un suefio despavorido;
Tres veces lo había llamado,
Ninguna le ha respondido,
- Gerineldo, Gerineldo,
Mi camarero polido,
Si me andas en traición,
Trátasme como á enemigo.
O dormías con la infanta,
O me has vendido el castillo -
Tomó la espada en la mano,
En gran sana va encendido:
Fuérase para la cama
Donde á Gerineldo vido.
El quisiéralo matar;
Mas crióle de chiquito.
Sacara luego la espada,
Entre entrambos la ha metido,
Porque desque recordase
Viese cómo era sentido.
Recordado había la infanta,
Y la espada ha conocido.
- Recordados, Gerineldo,
Que ya érades sentido,
Que la espada de mi padre

Yo me la he bien conocido¹⁴³

¹⁴³ *Romancero General*, tom. I, pág. 175, 1819-51. Esta é a lição mais antiga, foi achada em um *pliego suelto*, folha volante, impresso.

GERINELDO

II

- Gerineldo, Gerineldo,
El mi page mas querido,
Quisiera hablarte esta noche
En este jardin sombrío
- Como soy vuestro criado,
Señora, os burlais conmigo.
- No me burlo, Gerineldo,
Que de verdad te lo digo.
- ¿A qué hora, mi señora,
Comprir heis lo prometido?
- Entre las doce y la una,
Que el rey estará dormido. -
Tres vueltas da á su palacio
Y otras tantas al castillo;
El calzado se quitó
Y del buen rey no es sentido:
Y viendo que todos duermen
Do posa la infanta ha ido.
La infanta que oyera pasos
Desta manera le dijo:
- ¿Quién a mi estancia se atreve?
Quién á tanto se ha atrevido?
- Novos turbeis, mi señora,
Yo soy vuestro dulce amigo,
Que acudo a vuestro mandado
Humilde y favorecido. -
Enilda le ase la mano
Sin más celar su cariño;
Cuidando que era su esposo
En el lecho se han metido,
Y se hacen dulces halagos
Como mujer y marido.
Tantas caricias se hacen,
Y con tanto fuego vivo,
Que al cansacio se rindieron
Y al fin quedaron dormidos.
El alba salía apénas
A dar luz al campo amigo,
Cuando el rey quiere vestirse,
Mas no encuentra sus vestidos:

- Que llamen á Gerineldo
El mi buen page querido. -
Unos dicen : - No está en casa.
Otros dicen : - No lo he visto. -
Salta el buen rey de su lecho
Y vistióse de proviso,
Receloso de algún mal
Que puede haberle venido.
Al cuarto de Enilda entrara,
Y en su lecho halla dormidos
A su hija y à su paje
En estrecho abrazo unidos.
Pasmado quedó y parado
El buen rey muy pensativo:
Pensándose qué hará
Contra los dos atrevidos.
- ¿Mataré yo a Gerineldo,
Al que cual hijo he querido?
i Si yo matare la infanta
Mi reino tengo perdido! -
En tal estrecho el buen rey,
Para que fuese testigo,
Puso la espada por medio
Entre los dos atrevidos.
Hecho esto, se retira
Del jardín á un bosquecillo.
Enilda al despertarse
Notando que estaba el filo
De la espada entre los dos,
Dijo asustada á su amigo:
- Levántate, Gerineldo,
Levántate, dueño mio,
Que del rey la fiera espada
Entre los dos ha dormido.
- ¿Adónde iré, mi señora?
¿Adónde me iré, Dios mío?
¿Quién me libraré de muerte,
De muerte que he merecido?
- No te asustes, Gerineldo,
Que siempre estaré contigo:
Márchate por los jardines
Que luego al punto te sigo. -
Luego obedece á la infanta,
Haciendo cuanto le ha dicho:
Pero el rey, que está en acecho,
Se la hace contradizo:
- ¿Dónde vas, buen Gerineldo?

- Paseaba estos jardines
Para ver si han florecido,
Y vi que una fresca rosa
El calor ha deslucido.
- Miéntes, miéntes, Gerineldo,
Que con Enilda has dormido. -
Estando en esto el Sultán,
Un gran pliego ha recibido:
Abrelo luego, y al punto
Todo el color ha perdido.
- Que prendan á Gerineldo.
Que no salga dei castillo.
En esto la hermosa Enilda
Cuidosa llega á aquel sitio.
De lo que pasa informada,
Y conociendo el peligro,
Sin esperar á que torne
El buen rey enfurecido,
Salta las tapias lijera
En pos de su amor querido.
Huyendo se va á Tartaria
Con su amante y fiel amigo,
Que en un brioso caballo
La atendía en el egído.
Alli, ántes de casarse,
Recibe Enilda el bautismo.
Y las joyas que lleva
En dos cajas de oro fino
Una vida regalada
A su amante ha prometido¹⁴⁴.

¹⁴⁴ *Romancero General*, tom. I, pág. 176, vol. III, 1849-51.

Notas

NOTAS

NOTA A

E minha mãe sem chegar pág. 55

O rigor do toante pedia aqui que se escrevesse chegare com e no fim, tomo pronuncia o povo de Lisboa e noutras partes da estremadura. Os antigos castelhanos também assim regularizavam os seus toantes.

E não vá tão pouco sem notar-se que assim fica demonstrado não ser afectação de latinismo o escrever e pronunciar pae em vez de pai, mãe cm vez de mãe. Aquela é a verdadeira e popular ortografia destas palavras.

NOTA B

Na caça andava perdido pág. 205

O princípio ou introdução deste romance é conforme a colecção de Oliveira. No folheto dos cegos começa ele logo com toda a forma cénica; e todavia difere bem pouco. Aqui se transcreve.

DIZ O MARQUÊS

Fingindo andar perdido na caça

Fortunosa caça é esta
que a fortuna me há mostrado,
pois que, por ser manifesta
minha pena e gran' cuidado,
me mostrou esta floresta.

Nunca vi tão forte brenha,
desque me acordo de mi;
eu creio que Margasi
fez esta serra de Ardenha,
estes campos de Methli.

Quero tocar a buzina
por ver se algum me ouvirá;
mas cuido, que não será,
porque minha gran' mofina
comigo começou já.

Todavia quero ver,
se mora alguém nesta serra,

que me diga desta terra
cuja é, para saber;
que quem pergunta não erra.

Por de mais é o tanger
em lugar desabitado,
onde não há povoado,
nem quem possa responder
ao que lhe for perguntado.

Gran' mal é o caminhar
por tão fragosa montanha,
cansado assim sem companhia,
nem tendo onde repousar,
nesta terra tão estranha.

Vejo o mato tão cerrado,
que fiz bem de me apeiar,
e meu cavalo deixar,
porque está tão cansado
que já não podia andar.

Agora vejo-me aqui
nesta tão grande espessura,
que nem eu me vejo a mi,
nem sei de minha ventura;
nem menos será cordura,
repousar neste lugar,
nem sei onde possa achar
dencanso à minha tristura¹⁴⁵.

FIM DO VOLUME TERCEIRO

¹⁴⁵ *Marquês de Mântua*, folheto de cegos, Lisboa, 1789.

NOTA FINAL

Na publicação desta Obra seguiu-se a edição de «Romanceiro», em três volumes, o 1º de 1853, e os restantes de 1851, conjunto este que constitui a 3ª edição.

Como é do conhecimento dos estudiosos, Garrett não fez uma revisão perfeita desta obra, além de que, como é sabido e o próprio Autor confessava, a ortografia por ele usada é singularmente, extravagante.

Exigiram estes dois factos uma extrema atenção, não só pelas lacunas que era imperioso preencher, confrontando textos, como, ainda, pela actualização da ortografia, e, quanto a esta, de forma que se não ferisse a linguagem popular e própria, nem tão-pouco a metrificacão.

Para os defeitos que existam - sempre inevitáveis em obras desta natureza - se pede a benevolência e compreensão de quem nos ler.

Cabe-nos agora agradecer, profundamente sensibilizados, a valiosa ajuda que nos prestaram, na parte que se refere à língua inglesa, francesa e espanhola, respectivamente, os Professores D. Gwen Gething da Costa Andrade, Dr. Maurice Villemur e Dr. Júlio Martínez Almoyna.